



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**POÇO DE JOSÉ DE MOURA:
A CRIAÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL (2004 – 2012)**

DARLAN DOUGLAS DE GOZ FERREIRA

CAJAZEIRAS

2019

DARLAN DOUGLAS DE GOZ FERREIRA

**POÇO DE JOSÉ DE MOURA:
A CRIAÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL (2004 – 2012)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Prof. Orientador: Dr. Israel Soares de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1069
Cajazeiras – Paraíba

F383p Ferreira, Darlan Douglas de Goz.

Poço de José de Moura: a criação de uma nova identidade cultural local (2004-2012) / Darlan Douglas de Goz Ferreira. - Cajazeiras, 2019.

80f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa.

Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2019.

1. História cultural. 2. Poço de José de Moura. 3. Grupos culturais. 4. Reisado Zé de Moura. 5. Pisada do sertão. I. Sousa, Israel Soares de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de

DARLAN DOUGLAS DE GOZ FERREIRA

**POÇO DE JOSÉ DE MOURA:
A CRIAÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL (2004 – 2012)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

Aprovada em: ___/___/___ Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (Orientador)

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho

Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos (suplente)

RESUMO

O presente trabalho problematiza, a partir da perspectiva da história cultural, o processo de constituição de uma nova identidade cultural na cidade paraibana de Poço de José de Moura, tendo como foco a atuação dos grupos culturais locais “Reisado Zé de Moura” e “Pisada do Sertão”. No início do século XXI, esses grupos foram fundamentais para a ressignificação do conceito de cultura local, consolidando novos referenciais identitários para os habitantes da pequena cidade de Poço de José de Moura. Em virtude do grande potencial cultural pocense, cada cidadão local traz consigo um certo apreço pelas manifestações artísticas que ali se encontram, enxergando nelas a representação dos valores e da história daquela comunidade. O problema é que nem sempre isso foi assim. A população daquela cidade sertaneja viveu por anos à sombra da imagem do místico que a fundou, José Alves de Moura, pautando sua identidade a partir dos referenciais religiosos fornecidos por esse personagem. Outros personagens e outros elementos históricos e culturais só ganharam destaque posteriormente, quando da criação de grupos culturais que inventaram um conjunto de manifestações folclóricas para a cidade. Dessa forma, este trabalho se propõe a analisar a atuação dos grupos “Reisado Zé de Moura” e “Pisada do Sertão” que, no raiar do século XXI, criaram uma nova identidade cultural para a cidade de Poço de José de Moura.

Palavras-chaves: Poço de José de Moura; Grupos Culturais; Manifestações Culturais.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of constitution of a new cultural identity in the Paraíba city of Poço de José de Moura, focusing on the activities of the local cultural groups "Reisado Zé de Moura" and "Pisada do Sertão ". At the beginning of the 21st century, these groups were fundamental for the re-signification of the concept of local culture, consolidating new identity references for the inhabitants of the small town of Poço de José de Moura. Due to the great cultural potential of the city, each local citizen brings with it a certain appreciation for the artistic manifestations that are there, seeing in them the representation of the values and history of that community. The problem is that this was not always the case. The population of that city lived for years in the shadow of the image of the mystic who founded it, Jose Alves de Moura, setting its identity from the religious references provided by this personage. Other characters and other historical and cultural elements only became prominent later, when there was the creation of cultural groups that invented a set of folkloric manifestations for the city. In this way, this work intends to analyze the performance of the groups "Reisado Zé de Moura" and "Pisada do Sertão", which, at the turn of the 21st century, created a new cultural identity for the city of Poço de José de Moura.

Keywords: Poço de José de Moura; Cultural Groups; Cultural manifestations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – UM POÇO DE MEMÓRIAS.....	16
O MÍSTICO ZÉ DE MOURA.....	19
AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS.....	23
UMA HISTÓRIA RELEGADA AO OSTRACISMO.....	26
CONSELHO EM PROL DA MEMÓRIA DE ZÉ DE MOURA.....	27
OS SÍMBOLOS “RESGATADOS”.....	29
CAPÍTULO II – A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE.....	32
O BRILHO DA MODERNIDADE OFUSCANDO A TRADIÇÃO.....	35
“GRUPO DE XAXADO PISADA DO SERTÃO”.....	40
ASSOCIAÇÃO CULTURAL PISADA DO SERTÃO.....	48
“REISADO ZÉ DE MOURA”.....	51
ASSOCIAÇÃO DE REISADOS ZÉ DE MOURA.....	53
CAPÍTULO III – “A TERRA DA CULTURA”.....	55
“POCICULTURA (SALA DE REBOCO)”.....	60
A CULTURA ATRELADA AO DISCURSO POLÍTICO.....	64
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS “SABERES DO POVO”.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao senhor Deus, regente maior do universo, por conduzir minha jornada através de sua batuta, permitindo-me chegar até aqui no fascinante concerto da vida.

Ao meu pai Pedro Valdivino Ferreira, pelos valores plantados, pelos conselhos e sacrifícios realizados ao longo de sua vida para fazer mim e de minha irmã Darticlélia pessoas de bem. Tenha certeza meu velho que assim como um dia tivestes de perder um de seus braços na luta pela nossa sobrevivência, hoje eu também daria a minha vida por você.

A minha mãe, Maria das Candeias (dona Didí), uma sertaneja forte e corajosa, que mesmo diante inúmeras dificuldades, mesmo tendo que pegar na enxada para garantir o sustento de nossa família no momento em que meu pai perdeu um de seus braços trabalhando em um engenho de cana-de-açúcar, mesmo com pouco estudo devido aos obstáculos que a vida lhe impôs, sempre nos incentivou a seguir em frente com os estudos, pois tinha a certeza que o futuro melhor com o qual sonhava para nós seria escrito a “ponta de lápis”.

A minha esposa, Edna Marcélia, companheira de todas as horas que sempre acreditou em meu potencial (muitas vezes até mais do que eu), que me acalmou com seus conselhos nos momentos em que me sentia sobrecarregado e pressionado com questões de trabalho e calendário do curso. Pelas noites em claro e os finais de semana onde tive de me isolar e trocar sua agradável companhia por uma pilha de livros e apostilas. Por estar sempre ao meu lado na visita aos acervos, na coleta de fontes e entrevistas. Por zelar pelos meus arquivos e arrumar a bagunça que fazia com minha leitura itinerante, espalhando pela casa, xicaras, folhas de rascunho, canetas e mais uma porção de objetos.

Aos amigos do grupo de Reisado Zé de Moura, ao lado dos quais vivenciei diversos momentos de aprendizagem e descontração. Irei sempre lembrar com carinho das brincadeiras durante os ensaios, do frio na barriga nos momentos que antecederiam as nossas apresentações, das famosas imitações feitas por Rôdão, e os conselhos de Vandervan, pessoa pela qual conservo um enorme carinho e respeito pela sua sabedoria, caráter e principalmente pelo amor com qual sempre lutou pela cultura de nosso município. Agradeço a todos integrantes que contribuíram direta ou indiretamente com

esta pesquisa, fornecendo fotos, documentos, concedendo entrevistas, dicas de leitura e disponibilizando seus acervos pessoais para que eu pudesse prosseguir com o projeto.

Aos irmãos da família Pisada do Sertão, pelo carinho, as oportunidades e acima de tudo pela amizade sincera construída ao longo de todos esses anos. Não há como descrever em poucas linhas o respeito e a admiração que tenho por todos vocês, no entanto, quero que saibam que valeu apenas cada sábado de ensaio, cada carnaúba cortada, cada viagem, enfim... cada momento em que estive ao lado de vocês aprendendo, compartilhando angústias, sonhos e realizações.

A fundadora da Associação Cultural Pisada do Sertão, Ana Neiry de Moura Alves, que se tornou não só para mim, como também para todos que fizeram e ainda fazem parte desta instituição, uma segunda mãe, uma conselheira, amiga, preocupada com o bem estar do próximo, acreditando sempre que seria possível melhorar a realidade das famílias poçomourenses investindo na educação e no potencial cultural de nossa gente. Sem dúvidas, assim como eu, outros pesquisadores que se dedicam a estudar o folclore e a cultura de Poço de José de Moura, reconhecem os esforços e contribuições de Ana Neiry no que diz respeito à consolidação da identidade cultural do nosso povo.

Ao professor e grande amigo, Dr. Francisco Firmino Sales Neto, pelas inúmeras conversas e orientações, pelas oportunidades a mim concedidas dentro da academia, pelas contribuições que destes a esta pesquisa e principalmente por seu exemplo de humanidade e profissionalismo.

A Prof.^a Dra. Rosilene Mello, por sua amizade e pelo carinho com o qual me acolheu como seu orientando, pelas valiosas conversas, dentro e fora de sala de aula, no Grupo de Estudos e Pesquisas em História Cultural (G.E.P.H.C), ou de forma virtual via e-mail, e principalmente pela disponibilidade em me ajudar na reta final desta pesquisa, mesmo distante em virtude de seu afastamento para dedicar-se ao PHD.

Ao amigo e professor Dr. Israel Soares de Sousa, por contribuir com a realização deste sonho, colaborando com sua vasta experiência para consolidação deste trabalho. Pela amizade construída e pela forma cordial como sempre me tratou, orientando-me de forma extremamente paciente e responsável, mesmo diante da correria diária e das suas muitas atribuições frente à coordenação do curso de História no CFP de Cajazeiras.

Aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Cultural (G.E.P.H.C), da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, pelos encontros e

trocas de experiências, pelas dicas de leitura, apostilas e livros emprestados, e pelas injeções de ânimo injetadas a cada conversa ou discussão de textos.

Aos amigos do P.I.B.I.C, pela oportunidade de trabalhar e aprender cada vez mais ao lado de vocês. A Ewerton por abrir as portas de sua residência e me acolher inúmeras vezes quando precisei fazer dupla jornada na UFCG, e aos demais participantes do programa, pela paciência e pelo auxílio em todo o processo de higienização, digitalização e organização dos arquivos.

Aos colegas de curso, pelas conversas aleatórias em frente ao Pachelão, pelos trabalhos realizados em parceria, pelo futebol na quadra nos raros momentos de folga, por dividirem a conta na cantina, pelas discussões e debates, enfim... por todos os momentos em que estivemos juntos durante estes quase seis anos de curso, com direito a várias mudanças de bloco e sala e três greves que, como diria, a sempre bem humorada Sibelle, “daria pra pedir música no Fantástico”.

A todo o estimado corpo docente do curso de licenciatura em História do Centro de Formação de Professores da UFCG de Cajazeiras, pela competência e compromisso com a educação. Pelos valiosos ensinamentos que iremos carregar não só como profissionais, mais acima de tudo, como cidadãos críticos munidos de uma missão nobre, a de oferecer aos nossos alunos um ensino de qualidade, para que os mesmos tenham as ferramentas adequadas para construir um futuro melhor para si e para sociedade onde irão atuar.

Por último, porém, não menos importante, aos meus queridos alunos da oficina de música, personagens centrais nessa minha trajetória, uma vez que, sempre busquei na harmonia do nosso convívio o refúgio para escapar dos stress e a inspiração para superar os obstáculos do dia-a-dia.

INTRODUÇÃO

O processo de construção identitária, talvez seja a mais longa e complexa fase na vida de um indivíduo, pois, fazendo parte da nossa luta diária, estão ligados a ele de forma direta, fatores internos e externos como: gostos, gestos, relacionamentos, afinidades etc.

Toda uma série de peças extraídas do individual ou coletivo, que ao longo do tempo acabam formando o imenso quebra-cabeças da nossa identidade. Identidade (ou identidades) esta(s) que passa a ser lapidada desde muito cedo em nosso leito familiar, e que no meu caso em particular, me faz lembrar das noites em que saíamos para a calçada ansiosos para escutar as histórias narradas sempre com muito entusiasmo por meu pai.

Histórias dos bailes animados, que começavam “cedo da noite” e iam até o amanhecer do dia em um salão de barro batido, sempre iluminados pelo velho candeeiro. Dos grandes músicos locais que ali se apresentavam tais como: o sanfoneiro Antônio de Enéias, e os saxofonistas Israel Duarte e Ananias Cassiano, da animação com qual tocavam a noite inteira mesmo sem o auxílio de amplificadores ou caixas de som, cenário que tentava recriar em minha mente e que despertou em mim o gosto pela música instrumental.

Das histórias do grande rezador José Alves de Moura (“Zé de Moura” como era popularmente conhecido) que, com suas curas milagrosas acabou arrastando multidões de romeiros e trazendo fama a então “Vila do Poço”. Do mito de origem da comunidade, envolvendo o Vaqueiro Gonçalo Moura e a figura enigmática do bode que escavou com suas próprias patas e encontrou água suficiente para saciar a sede do restante do rebanho em um ano de grande seca.

De todos os inúmeros causos dos quais tomei conhecimento através da tradição oral, tão comum entre os sertanejos. Uma tradição na qual sempre estive mergulhado e que foi me fascinado aos poucos, me levando a trilhar pelos caminhos da história destas pessoas humildes, mais ricas em experiências de vida. Uma tradição que foi moldando aos poucos a minha identidade, identidade esta que, não pode e nem será jamais negada ou neutralizada diante de minhas decisões.

Sendo assim resolvi trabalhar com um assunto da minha afinidade, com uma problemática observada através das minhas experiências enquanto músico, simpatizante da História Cultural e das manifestações artísticas presentes na cultura sertaneja.

De alguém que lembra com saudades da vida simples na comunidade rural do Outro Lado na da pequena cidade paraibana de Poço de José de Moura. Dos banhos de açude e das visitas aos velhos engenhos de cana de açúcar (hoje praticamente desativados) no meu tempo de criança, onde experimentávamos delícias como: o mel, a rapadura e a garapa¹, produzidos ali mesmo, a luz dos nossos olhos.

Das brincadeiras de “caboclos”² na “semana santa”, quando saíamos mascarados pedindo pelas residências, ao som de um velho bombo feito de lata e couro de bode, e de um triângulo feito com ferros de construção. Da emoção que sentia ao perceber a aproximação da “Filarmônica São Geraldo” tocando os belos dobrados³ e animando as festividades do mês Mariano. Das brincadeiras de “bila”⁴ e pião no terreno ao lado da escola na hora do recreio. Da caça com “baladeira”⁵ enfim... De todos esses momentos que antecederam a chegada dos modernos jogos de computar e dos cada vez mais sofisticados celulares e videogames.

Alguém que também aprendeu a admirar desde cedo as manifestações artísticas locais, realizando um sonho de infância e ingressando ainda muito jovem (aos 12 anos de idade) na honrosa “Banda Filarmônica São Geraldo Majella”, oportunidade que abriu caminho para minha participação em outros grupos, ampliando assim, minhas experiências e aguçando minha simpatia pela cultura local.

Alguém que cresceu e presenciou um cenário de rápidas mudanças, onde as novidades passaram a chegar em ritmo cada vez mais acelerado através do rádio e da televisão (mais tarde a Internet), onde os costumes e práticas de nossa gente começaram a sofrer diversas transformações, onde os símbolos da modernidade passaram a se chocar de forma cada vez mais intensa com o rural e o “tradicional”. Um período onde

¹ Líquido extraído da cana de açúcar, que não passa por nenhuma etapa de cozimento tal como o mel e a rapadura e pode ser consumido ao natural ou gelado, adicionando-se (a gosto) alguma fruta cítrica.

² Também conhecida como “malhação de judas”, a brincadeira dos caboclos é uma forte tradição das cidades do alto sertão paraibano, e de estados vizinhos como Ceará e Rio Grande do Norte. Ocorre durante o período pascoal onde os mascarados, trajando roupas feitas de palha e/ou sacos plásticos enfeitadas por tiras de pano e com mascaras e chicotes de couro, saem pelas ruas e comunidades rurais de vários municípios dançando e pedindo esmolas (doações em dinheiro e gêneros alimentícios) que ao final da semana, no domingo de páscoa, são repartidas entre os músicos e brincantes que se reúnem para festejar e encerrar o ritual com a matança de judas (boneco feito de pano carregado durante todo o período no “lombo” de animais ou em cima de automóveis), uma forma simbólica de castigar o traidor de Cristo, rasgando-o e espalhando os pedaços de suas roupas para a alegria das crianças e demais observadores.

³ Marcha militar, muito comum no repertório das bandas de música por todo o Brasil.

⁴ Trata-se de uma esfera de vidro muito conhecida em algumas regiões do Brasil como “Bola de Gude”, um brinquedo bastante apreciado pelas crianças antes da criação dos jogos virtuais.

⁵ Também conhecido como estilingue, trata-se de um brinquedo feito para arremessar pedras, confeccionado em de madeira (cabo), ligas de borracha e um pequeno pedaço de couro de animais, sendo muito utilizado pelas crianças em nossa região, para abater aves e pequenos roedores.

nosso povo buscava a consolidação de sua identidade mais ao mesmo tempo afastava-se de suas “raízes” seduzidos pelas novidades tecnológicas.

Um período de transições que acabou gerando em meio a sociedade o sentimento nostálgico de “resgate” e “preservação” da cultura local. Um apelo que partiu de um grupo de estudiosos e militantes em prol da cultura de nosso município, e acabou ganhando força e projeção no momento em que entram em cena os grupos “Pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura”, grupos estes que, munidos de um forte discurso, foram fundamentais para a ressignificação do conceito de cultura local, consolidando novos referenciais identitários para os habitantes desta pequena cidade sertaneja.

Tomando para si a missão de “preservar” e “resgatar” as manifestações artísticas e os valores de nossa sociedade, buscando junto aos órgãos públicos e a sociedade civil os mecanismos necessários para fazer frente a crescente onda de inovações que se apresentava como potencial ameaça a “autenticidade” de nossa cultura.

Portanto, nossa proposta aqui é problematizar a atuação dos grupos culturais “Pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura”, entendendo o contexto em que surgiram e os meios que os levaram a ganhar destaque e representatividade dentro deste município, sendo apontados nos dias atuais como “autênticos” representantes da cultura local, e os principais responsáveis pela criação de uma nova identidade cultural para o mesmo. Identidade esta que, não rompe com imaginário criado sob a figura do místico Zé de Moura, mais que, agora trás à tona e põe em destaque novos personagens, novos atores sociais que, saem do anonimato ao qual a historiografia tradicional havia os relegado em detrimento da figura do místico fundador, dando-lhes evidência e apontando-os como símbolos desta nova identidade.

Também iremos analisar, as relações destes grupos com os gestores públicos e a população, que ao passar dos anos numa constante interação construíram todo um aparato jurídico e educacional que mais tarde traria a Poço de José de Moura o título de “Terra da Cultura”, certificação maior do orgulho que os cidadãos poçomourenses carregam pelo folclore e as manifestações artísticas locais.

Buscaremos entender como a atuação destes grupos resultou na formação de uma grande teia envolvendo ONGs, sociedade civil, poder público e demais esferas da sociedade de forma articulada e comprometida com a missão de elencar aqueles se se tornariam os símbolos de uma nova identidade cultural para o município de Poço de José de Moura.

Os mecanismos desenvolvidos, que vieram a legitimar o forte discurso de resgate e preservação da cultura local, e a intenção destes agentes em consolidar a cultura de Poço como símbolo maior da identidade de seu povo.

O cenário que acabou se configurando, a partir do momento em que ocorre esta ressignificação, onde a cultura de Poço deixa de ser analisada sob o aspecto singular, voltado apenas à figura do ilustre cidadão José Alves de Moura, abrindo espaço agora, para aquilo que Michel de Certeau chamaria de uma “Cultura Plural” (CERTEAU, 1995), uma cultura multifacetada, pautada em um contexto bem mais amplo e diversificado, com novos personagens e novos grupos que também passam fazer parte do imaginário dos cidadãos poçomourenses como representantes da cultura local.

Para isso, iremos analisar no primeiro capítulo, as contribuições do místico Zé de Moura para a cultura local, as primeiras manifestações artísticas com as quais esteve diretamente ligado, e a inércia que pairou sobre as mesmas após sua morte.

Veremos como a história deste ícone e o período pujante vivido pela comunidade em virtude de sua atuação, foram aos poucos sendo relegadas ao ostracismo, passando a comunidade, a se contentar com apenas raros relatos memorialísticos, que narravam de forma romanceada as suas proezas, mas que, aos poucos foram se tornando obsoletos em virtude do cenário que se desenhava na jovem cidade, no momento em que grandes mudanças passaram ocorrer, ao raiar dos anos 2000 (vários anos após sua morte), ameaçando assim ofuscar sua imagem enquanto bem feitor da comunidade. Fato que, chamou atenção de parte da população e acabou servindo de combustível para criação e reativação dos grupos culturais, “Pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura”, respectivamente.

Veremos ainda, como se deu a articulação destes agentes culturais, quais eram as angústias apresentadas, e como resolveram mobilizar-se frente ao poder público e a população em geral. Quais foram às primeiras medidas tomadas, e quais as soluções pensadas por eles no tocante a esta difícil missão de “resgatar e manter vivos” os valores culturais locais, ameaçados pelos símbolos da modernidade que agora chegavam em ritmo frenético a esta pequena cidade.

Tentaremos problematizar, os impactos causados pelas decisões oriundas do chamado “concelho em prol da memória de José de Moura”, buscando entender quem foram os participantes deste conselho, em que setores da sociedade estavam engajados e os motivos que os levaram a defender esta causa.

Veremos quais os símbolos elencados por este conselho que acabaram solidificando o discurso de resgate e preservação da cultura local, tão utilizado por eles a partir de então, servindo assim de justificativa para criação dos grupos “Pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura”, e conseqüentemente, para os demais elementos presentes no complexo conjunto de “tradições inventadas” para construção de uma nova identidade cultural local.

No segundo capítulo, nossa proposta é discutir o processo de formação desta nova identidade cultural no município de Poço de José de Moura, buscando entender como ocorre esta transição de referências, como se deu a aceitação da população a estes novos ícones, novos personagens, novos atores históricos que vinham sendo colocados ao lado da figura imponente de José de Moura.

Iremos analisar inicialmente os processos de criação e reativação dos grupos culturais “pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura” (respectivamente), a militância desses agentes para se consolidarem enquanto entidades organizadas da sociedade civil, chegando à formação e legalização de suas respectivas associações.

Partiremos para uma discussão um pouco mais teórica e buscaremos relacionar a nossa temática, a conceitos importantes como: Cultura, Tradição (tradições) e Identidade, conceitos estes que a meu ver se fazem extremamente necessários para que possamos compreender as peculiaridades do processo em questão. Elencando neste capítulo, marcos importantes da história recente de Poço, localizados exatamente no período ao qual abrange este trabalho (2004 a 2012), e que nos remete ao processo de criação e institucionalização dos grupos culturais “Pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura”.

No terceiro e último capítulo, trataremos dos marcos legais que concederam a Poço, o título de “Terra da Cultura”, os meios legais encontrados pelos gestores públicos, para justificar a identificação e o carinho que os habitantes locais carregam consigo no que diz respeito ao folclore e as manifestações artísticas presentes no município. Assim como os festivais de “Cultura Popular” que surgiram através da militância destes grupos, e que passaram a fazer parte do calendário de festas tradicionais do município, juntando-se as já consagradas festas religiosas muito comuns na comunidade.

Veremos como estes festivais, acabaram sendo atrelados a religiosidade e a elementos de uma cultura “maior” do nordeste brasileiro (festas juninas, a seca, a imagem do vaqueiro e dos cangaceiros entre outros...), construindo assim, uma

miscelânea de referenciais a partir dos quais passou a ser moldada esta nova identidade cultural no município de Poço.

A princípio, iremos estudar o primeiro destes festivais voltados a “Cultura Popular”, o “Pocicultura”, que teve sua primeira edição realizada em julho de 2006 e acabou se consolidado como uma tradição na cidade, entrando para o calendário festivo do município (considerada atualmente uma das festas de maior destaque dentro da cidade, ficando atrás apenas da festa do padroeiro São Geraldo Magela, realizada de forma paralela a festa de emancipação política do município no mês de outubro), e juntando-se ao conjunto de tradições que, trataremos aqui como “inventadas”, a partir da atuação dos grupos culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura.

Veremos ainda, quais as colaborações e os mecanismos utilizados pelos grupos, para promoverem e divulgarem o Pocicultura, tornando-o um dos mais conhecidos festivais na área cultural da região, abrindo caminho para a criação de diversos outros eventos como: o “Festival Sertanejo de Cultura Popular” e o “Festival de Xaxado”, eventos que mesclaram elementos da cultura local e de outras culturas, fazendo uma relação entre fatos do passado e anseios do presente. Diversificando as manifestações artísticas locais e ampliando o potencial cultural da população poçomourense.

Também iremos analisar, as relações entre estas agremiações e os representantes políticos locais, que passaram a enxergar em tais manifestações, uma forma de promoção pessoal e dos grupos aos quais encontram-se engajados, tendo em vista que, a cultura local e os assuntos a ela relacionados passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, de tal forma que, defender a bandeira da cultura tornou-se uma das melhores estratégias para obter acesso e prestígio em meio aos cidadãos poçomourenses.

Iremos analisar a importância das leis, municipal N° 180/2.007 e, estadual n° 9.929, de 7 de dezembro de 2012, que reconhecem a “Associação Cultural Pisada do Sertão” como de utilidade pública, enfatizando ainda mais o cultura de Poço e o prestígio que estas instituições alcançaram em meio a população e a classe política.

Veremos ainda, como se deu o processo de institucionalização do ensino das artes e manifestações culturais no município de Poço de José de Moura, através do Projeto CEC – Centro de Cultura Esporte e Cidadania, desenvolvido pela Associação Cultural Pisada do Sertão no intuito de salvaguardar os valores e o potencial artístico local, proporcionando as crianças, adolescentes e jovens deste município, um ensino pautado na “cultura popular” e nos saberes do povo.

Tentaremos explorar esta temática e compreender os seus impactos na sociedade, como foi almejado este ensino do “popular” sem a espontaneidade que lhe é particular, como estes agentes culturais pensaram este projeto de ensino inovador, e até que ponto este processo de institucionalização dos saberes do povo atende a proposta inicial de valorização da “cultura do local”.

Por fim, irei apresentar uma análise crítica, partindo da minha visão enquanto historiador e pesquisador da história cultural, das experiências e desafios encontrados ao longo da pesquisa e as conclusões alcançadas através destes quase seis anos de trabalho, entre coleta e análise de fontes, leituras e conversas, apresentações e debates que me trouxeram até esta importante etapa de minha vida enquanto pesquisador. Conclusões estas, que espero ter alguma contribuição para comunidade científica, assim como, para aqueles que de forma especializada ou não se sentem atraídos pela cultura, pelas manifestações oriundas do povo, em especial o povo da minha cidade natal Poço de José de Moura a quem dedico este trabalho.

CAPÍTULO I – UM POÇO DE MEMÓRIAS

**“O maior patrimônio de um povo
está na sua cultura”**

(INFORMATIVO TURÍSTICO
REGIONAL, 2009, p. 9)

(Frase retirada da revista “Caminhos do Sertão” em um artigo dedicado a “Associação Cultural Pisada do Sertão” de Poço de José de Moura na Paraíba).

É notório para todos aqueles que visitam a cidade de Poço de José de Moura nos dias atuais, o potencial artístico de seus habitantes e o apreço com o qual se referem às manifestações culturais presentes no município. Na frase acima, assim como em diversos espaços e principalmente no discurso dos cidadãos locais, o que observamos é a expressão deste sentimento de orgulho nutrido em meio à população. Sentimento este que, se amplia a cada dia com a consolidação de festas e eventos, através da atuação de diversas entidades que justificam e apresentam ao mundo a cidade de Poço de José de Moura como a “Terra da Cultura”.

No entanto, toda essa riqueza cultural e a pluralidade de adjetivos vinculados à pequena cidade paraibana (Terra da Cultura, Princesinha do Sertão etc.), não retratam de maneira fiel a forma como a historiografia tradicional encarregou-se de escrever e consolidar uma versão oficial para o município, que durante anos perdurou sem nem um paralelo, sendo difundida principalmente através do ensino formal nas escolas públicas locais.

A história de Poço permaneceu durante muitos anos, pautada única e exclusivamente na figura de seu fundador, José Alves de Moura. Um exemplo claro do que estamos afirmando, dar-se através próprio nome atribuído ao município em decorrência de sua emancipação política⁶ (Poço de José de Moura).

⁶ Durante sua história, Poço obteve diferentes denominações. Inicialmente chamada de “Vila do Poço”, em seguida alcançado o título de distrito da cidade de “Antenor Navarro” (que posteriormente viria a se chamar de São João do Rio do Peixe) através da lei estadual nº 171, de 22-12-1959, e por fim a sua tão sonhada emancipação política, promulgada através da lei nº 5931, de 29-04-1994, passando a se chamar oficialmente Poço de José de Moura. O termo “Poço” que sempre esteve ligado à comunidade, foi mantido em alusão ao mito de origem do povoado envolvendo o Vaqueiro cearense Gonçalo Moura e a figura enigmática do bode que escavou com suas próprias patas um pequeno poço onde passou a jorrar água em abundância em um ano de extrema estiagem. Já a continuação do nome escolhido, uma homenagem feita ao Ilustre cidadão José Alves de Moura, que se notabilizou pela sua religiosidade trazendo um grande prestígio a comunidade no auge de sua atuação enquanto conselheiro e rezador. (Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura, 2018).

Ao analisar, as vivências religiosas e a importância de José para identidade do povo de Poço, em seu trabalho monográfico, a historiadora e amiga Clara Geysa, colabora com nosso pensamento ao afirmar que:

Foi construída para Zé de Moura, tanto pela historiografia quanto pelo ensino da história local, uma imagem de fundador do município. As histórias, causos e lendas contadas sobre ele contribuíram para essa imagem e ao mesmo tempo criaram-lhe uma áurea mística e reproduziram o sentimento de respeito por ele, suas crenças e a sabedoria que fez dele rezador, conselheiro e líder local. (DUARTE, 2014, p. 18)

José de Moura, uma figura carismática e de grande influência que, notabilizou-se durante sua jornada de vida, consagrando seu sobrenome e o de sua família como um dos mais importantes entre a comunidade, teve sem dúvida uma grande parcela de contribuição para o desenvolvimento da localidade, atuando em diversos setores, como política, economia, religiosidade e a cultura de uma forma geral. No entanto, a identidade a qual se refere Geysa (de fundamental importância para compreensão desta nossa problemática), foi sendo lapidada ao longo de muitos anos, por admiradores, autodatas, pessoas de diversas áreas, com ou sem formação acadêmica que, preocupados em “preservar” e manter viva a figura deste ilustre cidadão, acabaram oficializando uma versão para história do município, que exaltava em demasia sua imagem, de maneira que, a centralidade a qual lhe foi conferida, terminaria anulando outros personagens e outros aspectos da cultura local.

Portanto, podemos concluir que, ao deslocarem todos os holofotes para José de Moura, estas pessoas acabaram inconscientemente assumindo o risco de, a longo prazo, acabarem causando um desprendimento e um certo distanciamento da população em relação a esta versão oficial, uma vez que, mesmo diante das incontestáveis contribuições do místico para a comunidade, muitos não se sentiriam representados por esta versão conservadora e memorialística.

É importante ressaltar desde já, que não trabalhamos aqui com a hipótese de uma grande ruptura, não temos a intenção de negar ou mesmo contrapor a versão oficial que tem como base a figura de José Alves de Moura, aos novos referenciais fornecidos pelos grupos culturais “Pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura”, não se trata de uma disputa, até porque, muitos dos agentes que participaram do processo junto a estes grupos, possuíam/possuem algum grau de parentesco com o místico.

Portanto, as contribuições de José de Moura serão tomadas aqui como ponto de partida para criação desta nova identidade cultural. De forma que, o foco desta transição de referenciais, no que diz respeito à identidade local, não se deve a negação de sua figura enquanto benfeitor da comunidade (até porque não houve tal negação), e sim ao fato de que, aos poucos uma versão oficial pautada nos moldes positivistas, foi sendo reescrita, trazendo a tona novos atores e novos ícones que, diante de um contexto específico passaram a figurar ao lado de Zé de Moura como símbolos desta nova identidade.

Para que possamos nos situar melhor em relação a este processo de transição, para que possamos compreender o contexto que se criou e acabou levando a constituição de uma nova identidade cultural no município de Poço de José de Moura, se faz necessário uma análise um pouco mais apurada desta vertente tradicional da historiografia, da qual nos fala Geysa, que elencou José de Moura em sua época de ouro, como símbolo maior da identidade poçomourense.

Uma tradição construída com base nos relatos da outrora tão vistosa Vila de Poço, terra do grande místico Zé de Moura, de comércio e economia pujantes em virtude do grande número de romeiros que vinham a sua procura, que viveu seu auge no momento em que Zé de Moura passou a desfrutar de uma enorme popularidade, vendo sua fama se espalhar e ultrapassar os limites do estado, chamando atenção da imprensa e de chefes políticos de grande importância na época. Um período dourado na história da comunidade que acabou sendo impactado no ano de 1966, com a morte de seu maior benfeitor.

O também historiador e conterrâneo Francisco Cazuzza da Silva, em seu trabalho monográfico de conclusão de curso pela Universidade Federal de Campina Grande, descreve a experiência vivida pelos habitantes de Poço, com a morte de José de Moura, como um período de declínio. O autor faz um balanço das atividades comerciais e dos investimentos realizados (iluminação elétrica, Construções etc.) durante e após o período em que Zé de Moura esteve em atividade, comprovando a sua influência sob tais setores e a decadência que pairou sob a localidade em virtude de sua morte.

Em um tom um tanto quanto nostálgico, Cazuzza nos fala da Vila do Poço em seus tempos áureos e, dos símbolos do progresso que se esvaíram, à medida que, a popularidade e os feitos de José de Moura foram se tornando lembranças de um tempo remoto.

[...] Poço apesar de ser apenas uma vila começou a dar seus primeiros passos nesse setor da economia, uma necessidade que surgia com o aumento no fluxo de visitantes e exigia agora um mercado melhor equipado, diverso e mais dinâmico, esse mercado foi crescendo de maneira que em pouco tempo já havia feira livre na vila do Poço, isso para época era um grande avanço no desenvolvimento de qualquer comunidade, se formos levar em conta hoje muitas cidades pequenas a exemplo do próprio Poço de José de Moura, que já possuiu sua feira livre e não possui mais [...] [...] O setor comerciário fixo teve seu período de glória, um comércio de grande porte para a época era diversificado e bem desenvolvido, oferecia a população da vila e aos visitantes serviços no setor hoteleiro, farmacêutico, restaurantes, pensões, etc. o que é uma pena não existir, mas esses serviços na cidade (SILVA SOBRINO, 2005, p. 6).

Poço passou então a viver de memórias, nutrindo-se apenas dos relatos e da fama deixada pelo místico, que ao falecer acabou abalando toda uma sociedade. Sociedade esta que, sentiu o grande golpe e não soube (a princípio) encontrar outras referências e outros caminhos para se manter em ascensão. Assim sendo, levaram-se muitos anos para que os habitantes da pequenina vila pudessem superar a perda do místico, sendo que, nem mesmo a historiografia tradicional ou ensino formal nas escolas, conseguiam manter com a mesma intensidade as lembranças e o legado deixado por José de Moura em meio às novas gerações.

Neste sentido, nos vemos na obrigação de apresentar um pouco melhor este homem de fé, que ao longo de sua vida alcançou tamanha importância a ponto de ter merecidamente seu nome imortalizado no momento em que Poço alcança o título de cidade.

O MÍSTICO ZÉ DE MOURA

Nascido no ano de 1888, fruto do matrimônio entre Manuel Alves de Moura e Filomena Ribeiro de Carvalho, José Alves de Moura, ou simplesmente Zé de Moura como passou a ser chamado, notabilizou-se como um grande religioso devoto de São Geraldo Majella, santo que afirmava ter visto em uma misteriosa aparição, enquanto descansava de uma de suas exaustivas peregrinações já em uma fase adulta.

De acordo com o que consta nos escritos oficiais, ver: (ARAÚJO, 2007)⁷, na oportunidade, quando repousava em baixo de uma árvore, um jovem rapaz misteriosamente apareceu e veio ao seu encontro, trajando vestes pretas e demonstrando

⁷ ARAÚJO, L. D. S. J. SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE JOSÉ DE MOURA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO. In: INGRID FECHINE; IONE SEVERO (ORGS.) **Cultura popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária - 2007. p. 127-144.

uma grande humildade, os dois trocaram algumas palavras e o rapaz lhe deu um recipiente contendo um líquido desconhecido, afirmando que, seguindo pelo caminho da fé e fazendo uso de tal porção nos enfermos que lhe procurassem, suas orações seriam bem sucedidas. Para seu espanto, ao chegar à cidade mais próxima, havia um vendedor de imagens de santos católicos e em meio a estas imagens encontrava-se a de um jovem santo que era idêntico ao rapaz com o qual havia conversado.

Tratava-se de São Geraldo Majella, santo que passou a venerar, trabalhando incansavelmente no intuito de angariar fundos para construção de uma capela em sua homenagem na vila de Poço, sonho que acabou realizando mais tarde e que lhe rendeu enorme prestígio em meio à sociedade local.

O problema é que sua religiosidade nem sempre foi bem compreendida por todos, Zé de Moura teve uma juventude conturbada e seu envolvimento com álcool, cigarros e jogos, somado aos rumores de que, antes de se dedicar a religião católica, o mesmo havia se envolvido com forças místicas, acabou lhe rendendo alguns adjetivos pejorativos como: bruxo e feiticeiro. No entanto, aqueles que passaram a lhe admirar, defendiam-no preferindo chama-lo de místico ou rezador, como era comum na época.

Esta mistura entre a cultura cristã e elementos místicos, aos quais José de Moura sempre foi vinculado, acabaria causando certa rejeição por parte de alguns membros do clero que, com o agravante de uma fervorosa disputa de terras entre a família Moura e o então Pe. Joaquim Cirilo de Sá renderam-lhe a acusação de charlatanismo e, em virtude disso, uma grande perseguição na época, fazendo-o desertar de sua terra natal para morar durante alguns anos na cidade de Juazeiro do Norte – CE.

Mais tarde, absolvido das acusações a seu respeito, e com uma rica vivência cultural na bagagem, Zé de Moura que bebera da fonte de cultura do cariri cearense, retorna a Poço para dar continuidade aos seus projetos e a vida religiosa a qual escolhera se dedicar e que no futuro o colocaria em um lugar de destaque frete a história do município.

Passando o resto dos seus dias no lugar onde nascera, Zé de Moura dedicou-se de corpo e alma a igreja e ao cuidado com os enfermos e os mais necessitados. Rezou e aconselhou milhares de pessoas gratuitamente (como lhe orientara o rapaz da aparição) recolhendo apenas doações para capela de São Geraldo que mandara erguer na vila e, para outras tantas que ajudou a construir nas comunidades vizinhas, todas elas curiosamente apresentando o “formato de cruz” (SILVA SOBRINO, 2005).

Por se tratar de uma figura de grande influência, não pode escapar as sondagens feitas por políticos que reconheciam seu prestígio frente aquela sociedade e que buscavam em si apoio para suas campanhas eleitorais. Fato que, lhe renderia diversas contendas com seu irmão Tirso⁸ (outro forte cabo eleitoral dentro da comunidade), e inúmeras aparições ao lado de políticos que vinham até Poço “pedir sua benção” como forma de propaganda política, como podemos observar na imagem a seguir:

Imagem 01: Panfleto de divulgação da campanha, do então candidato a deputado federal, Teotônio Neto.



Fonte: Acervo do Memorial Zé de Moura

Na imagem acima, temos um panfleto confeccionado pelo candidato a deputado federal Teotônio Neto, contendo a imagem do místico e uma mensagem de apoio a sua candidatura. Material de campanha que seria direcionado a população local, e que nos serve de exemplo para que possamos compreender o alcance e a representatividade de José de Moura em meio aquela sociedade, tendo em vista que, nesta, assim como em outras oportunidades, sua imagem acabou sendo vinculada ao discurso de políticos e diversas outras autoridades, como forma acesso a uma grande parcela da população que, não tendo a disposição os veículos de comunicação da época (rádio e jornal), não tomavam conhecimento de suas propostas, e muitas vezes nem ao menos os conheciam.

⁸ Tirso Alves de Moura, grande proprietário de terras e irmão de José de Moura, e uma das figuras de forte influência na política local em sua época.

Torna-se claro que, a força atribuída a essas mensagens, se dá em virtude da imagem de José de Moura, pois, as frases de efeito de nada valeriam diante das dificuldades já apontadas, e em meio a uma sociedade com um índice altíssimo de analfabetismo. Todo e qualquer esforço de aproximação destas figuras estranhas a maior parte da população sertaneja, seria em vão caso não tivéssemos nestes rincões do país estes interpretes do povo, líderes locais que, por meio da religiosidade ou qualquer outra virtude, desfrutavam de imenso prestígio em meio uma parcela humilde e numerosa da sociedade.

Novamente retornando a tese defendida por Geysa, podemos perfeitamente compreender a trajetória do místico poçomourense, se pararmos para analisar, assim como fez a autora, o contexto que se desenhava na época e, que acabou levando a população da vila [...] “a crença coletiva no rezador Zé de Moura e no santo católico São Geraldo de Majella [...] [...] poucas décadas após os acontecimentos de Canudos, Contestado, Juazeiro e praticamente simultânea ao Caldeirão” (DUARTE, 2014, p. 19).

Assim como nos movimentos populares citados por Geysa, deflagrados por todo o país (três deles na região Nordeste) durante a primeira metade do século XX, Zé de Moura consolidou-se na vila de Poço como um líder religioso, um beato que atraiu multidões e que em alguns momentos não foi visto com bons olhos por parte das autoridades. Uma liderança que, a exemplo de José Maria, José Lourenço, e Antônio⁹ Conselheiro, emergiu em meio ao povo, sem o aval do clero e da igreja católica mais com grande aceitação diante da sociedade.

Obviamente que, ao final de sua trajetória, José de Moura alcançou um desfecho bem diferente dos demais. Enquanto os primeiros atraíram para si à ira dos governantes, sendo perseguidos com extrema violência (com exceção do caso de Pe. Cícero em Juazeiro que, ainda assim terminou seus dias de vida afastado das atividades sacerdotais), José de Moura fez o caminho inverso, conseguindo aproximar-se da igreja católica, sendo reconhecido ainda em vida como um dos homens mais respeitados de sua época.

No entanto, como afirma DUARTE (2014), não é de se estranhar a semelhança entre o movimento deflagrado em Poço e os demais movimentos citados, uma vez que, a ausência do estado e principalmente a religiosidade aflorada da população sertaneja, podem ser identificadas como as raízes para esta busca de referenciais em homens como

⁹ Líderes dos movimentos populares de: Contestado, Caldeirão e Canudos (respectivamente), que eclodiram pelo país na primeira metade do século XX.

Zé de Moura. Beatos que abnegaram-se de uma vida “comum”, passando a se dedicar a religião e ao auxílio aos menos favorecidos.

Mesmo diante de tantas semelhanças, não existe nem um relato ou depoimento que afirme a intenção do místico em realizar na Vila de Poço um movimento parecido aos que ocorreram na primeira metade do século XX, muito menos o desejo de igualar-se ou ser comparado a algum dos líderes desses movimentos, porém, isso não impediu que viessem as comparações, sendo que, a mais emblemática delas, ficaria por conta de um artigo publicado no jornal “Retrospectiva”, da capital João Pessoa, intitulado “O ‘Antônio Conselheiro’ Paraibano”, onde falava-se de José de Moura e sua importância para comunidade de Poço, sendo que, em determinado momento do texto, surge a comparação entre o místico e o famoso líder de Canudos:

[...] “Terá ele sofrido alguma influência de Antônio Conselheiro e Padre Cícero Romão Batista? [...] [...] É provável que Zé de Moura na sua infância e adolescência tenha ouvido falar em Antônio Conselheiro, já que este viveu até o final do século passado, e muito depois da sua morte. A exemplo do Conselheiro. Zé de Moura exercia grande influência entre o povo sofrido do sertão, onde a ignorância e o misticismo era explorado” (MELO, 1988, p. 8)

No artigo, onde encontramos ainda referências a Pe. Cícero Romão, e a famosa obra de Euclides da Cunha “Os Sertões”, Zé de Moura recebe grande destaque, sendo comparado a beatos que se tornaram mundialmente conhecidos por suas façanhas a frente dos movimentos populares que lideraram, mostrando assim que, não é exagero algum apontar José de Moura como personagem responsável por elevar a vila de Poço ao um lugar de grande destaque naquela época, tendo se consagrado como uma figura de grande importância e respeito dentro e fora da comunidade.

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Além de sua forte religiosidade, e o envolvimento em assuntos políticos, José de Moura, que para muitos foi um homem a frente de seu tempo, também prestou grandes contribuições no que diz respeito às manifestações artísticas locais. Em suas andanças e peregrinações, principalmente pela região do cariri cearense, em especial a cidade de Juazeiro do Norte (onde viveu por alguns anos no momento onde encontrava-se em disputa judicial as terras que ocasionaram o famoso conflito entre o Pe. Joaquim Cirilo de Sá, e a família Moura), o místico pôde observar diversas manifestações culturais, pelas quais desenvolveu grande apreço.

A primeira dessas manifestações implantadas por José de Moura em solo paraibano foi, a banda de pífanos, também conhecida como “Banda Cabaçal”, formada inicialmente por membros de uma comunidade de descendentes quilombolas denominados “Os Quarentas”, uma referência ao número de pessoas que migraram para a Vila de Poço a convite de José de Moura e que mais tarde passariam a residir na vizinha cidade de Triunfo também no estado da Paraíba.

Estes descendentes quilombolas, seguiam a José de Moura em suas peregrinações e tinham como finalidade acompanhar as ladainhas durante as procissões, tocando seus pífanos e ganzás feitos de cabaças (daí o nome do grupo), sempre muito bem ornamentadas. Utilizavam ainda outros instrumentos como: bombos feitos de madeira e pele (couro) de animais, surdos¹⁰ e alguns bombos menores (mais tarde substituídos pelas caixas de guerra utilizadas pelas bandas de música), todos muito rústicos e na maioria das vezes confeccionados artesanalmente pelos próprios músicos.

Também partiu de José de Moura a ideia de criação de uma banda de música para animar as festividades do padroeiro São Geraldo Majella, uma vez que, o mesmo sempre admirou as bandas da região do cariri cearense que, de forma majestosa acompanhavam as imagens de santos em procissões, e animavam as quermesses e novenas, assim como diversos outros eventos cívicos e religiosos.

De acordo com o músico e pesquisador poçomourense Diorgenes Claudino de Oliveira, em seu trabalho monográfico de conclusão de curso pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, OLIVEIRA (2016) a Banda Filarmônica São Geraldo Majella foi criada no ano de 1955, sendo que, para cuidar da formação da primeira turma de músicos de Poço, José de Moura teve de trazer da cidade de Juazeiro do Norte – CE o maestro Arlindo Cruz, que se mudou para a vila, trazendo sua esposa que também possuía conhecimentos na área de música, fazendo um trabalho paralelo com as jovens moças da comunidade. Portanto, enquanto Arlindo Cruz se encarregava de ensinar aos rapazes a leitura de partituras e o manuseio com os instrumentos de sopro e percussão, sua esposa fazia um trabalho à parte com as moças, ensinando-as a cantar e entoar as ladainhas em latim apresentadas durante as celebrações.

Segundo o autor, a banda se apresentou pela primeira vez em outubro de 1955, na abertura das festividades em alusão ao padroeiro local São Geraldo Majella. A jovem agremiação musical emocionou a todos que estiveram presentes na ocasião,

¹⁰ Uma espécie de bombo que apresenta um formato cilíndrico e som um pouco mais agudo do que os bombos tradicionais.

tornando-se desde então, motivo de orgulho para toda a comunidade e principalmente para José de Moura que, ousou fazer tamanho investimento em uma pequenina Vila como a de Poço.

Outra importante manifestação, talvez a que José de Moura tenha atuado de forma mais efetiva foi o “Bumba meu boi”, ou “Reisado” como se tornou conhecido em meio à sociedade local. Esta dança ou brincadeira como muitos preferem chamar, apresenta de forma eclética signos de culturas distintas, como a cristã, com a figura do (s) rei (s), em alusão aos três reis magos, e a cultura pagã, com figuras como a dos caboclos. Dependendo da região onde se encontra, pode receber diferentes denominações: Bumba meu boi, Reisado, Folia de reis, entre outros.

José de Moura com seu humor crítico fez uma série de adaptações a esta manifestação, dando-lhe uma nova roupagem e adicionando a mesma, elementos que acabaram conferindo ao reisado praticado em Poço, características próprias que o distingue hoje de todas as outras formas conhecidas.

Participando sempre na figura do rei, personagem que se manteve em sua versão, assim como os galantes e animais como a Burrinha, o Jaraguá¹¹ e o próprio Boi, o místico trouxe para brincadeira novos elementos como a Caipora, os caboclos e principalmente os versos que passaram a ser recitados pelos galantes¹², e que eram ansiosamente aguardados pelos espectadores, uma vez que, traziam de uma forma bem humorada, causos do dia-a-dia da população, arrancando muitas gargalhadas do público.

Todas essas manifestações, outrora tão apreciadas pela população e pelo próprio José de Moura, passaram a aparecer cada vez menos nos eventos e festividades locais após sua morte, chegando a serem extintas por um longo período, a exemplo do que aconteceu com o grupo de reisado e principalmente a banda cabaçal que, mesmo com algumas tentativas frustradas não teve novamente uma outra formação permanecendo desativada até os dias atuais. No entanto, uma exceção entre elas, foi a Banda Filarmônica São Geraldo Majella, que passou a ser mantida pelo poder público municipal (inicialmente vinculada a prefeitura de São João do Rio do Peixe e mais tarde pela própria prefeitura de Poço de José de Moura), e em virtude de seu caráter um

¹¹ Uma espécie de dragão (carcaça de um), que ganha vida na brincadeira do reisado e aparece para assustar as crianças e os caboclos. A cabeça do Jaraguá é confeccionada com o crânio de um equino pintado de branco, o restante seu corpo é montado por um cabo de madeira longo preso a cabeça e uma veste preta longa que cobre a pessoa que o segura durante a brincadeira. Um pequeno mecanismo feito com cordas faz com que a pessoa que segura a haste de madeira movimente o maxilar do Jaraguá dando impressão de que o mesmo vai morder as pessoas.

¹² Rapazes que se apresentam sempre muito bem vestidos, com roupas e chapéus/coroas enfeitados de fitas multicoloridas e que animam a brincadeira do reisado cantando versos e cortejando a plateia.

“formal” manteve-se em atividade todos esses anos mesmo diante de inúmeras dificuldades pelas quais teve de passar.

UMA HISTÓRIA RELEGADA AO OSTRACISMO

Com a ausência de José de Moura, Poço passou a viver um período de inércia. Monumentos foram erguidos em sua homenagem (a exemplo da estatua construída com doações dos habitantes e colocada em lugar de destaque em frente à igreja na praça da matriz), professores e admiradores se encarregaram de construir e narrar nas escolas e eventos os seus grandes feitos. No entanto, o esplendor e o prestígio que a vila alcançara com a atuação do místico, aos poucos foram sendo suplantados pela modernidade e os símbolos que dela emergiam.

Manifestações culturais como o reisado e a banda cabaçal foram praticamente extintas, e a Filarmônica São Geraldo deixou de ser gerida pela igreja local e passou ao comando do poder público municipal (inicialmente a prefeitura de São João do Rio do Peixe), sendo que, diversas vezes, por ocasião das transições de governos a agremiação teve de passar por inúmeras dificuldades beirando a desativação.

Com o a independência política do município, até mesmo a tradicional festa em homenagem ao padroeiro São Geraldo Majella, símbolo maior da religiosidade do povo poçomourense, acabou perdendo um pouco da sua essência, ao ser vinculada a festa de emancipação política do município.

As cerimônias religiosas e a devoção ao padroeiro São Geraldo, foram aos poucos ocupando um lugar secundário, em virtude dos interesses políticos e econômicos e os mega shows promovidos em praça pública. As multidões que antes se reuniam em Poço com o único intuito de participarem das celebrações religiosas, agora compareciam em número infinitamente maior para prestigiarem as atrações promovidas como parte da programação social¹³ do município.

O próprio aniversário de José de Moura (13 de outubro), principal motivo para mudança na data de comemoração da emancipação política do município, caiu no esquecimento e até mesmo a tradicional alvorada festiva outrora executada pela banda filarmônica São Geraldo em sua homenagem, deixou de acontecer, sendo privilegiadas

¹³ No mês de outubro, a população católica de Poço de José de Moura comemoram as festividades religiosas em prol do padroeiro São Geraldo Majella, sendo que, de forma paralela, o poder público municipal realiza uma programação social que acompanha o calendário religioso, oferecendo diversas atrações artísticas e culturais que são apresentadas ao público após as missas e novenas realizadas na igreja matriz.

ações desenvolvidas pelo poder público municipal (hasteamento dos pavilhões, inaugurações de obras etc.).

Os bailes e leilões sempre muito movimentados e animados ao som de grupos locais, foram aos poucos perdendo espaço para as grandes bandas vindas de fora. Pequenos grupos como os dos saxofonistas Ananias Cassiano e Israel Duarte, que tantas vezes se apresentaram nessas ocasiões já não tinham mais espaço dentro das programações de festas e eventos, sendo que, a desvalorização destas pequenas orquestras e da Filarmônica São Geraldo, acabaram dificultando o surgimento de novas gerações de músicos na área instrumental.

Estes e outros exemplos nos remetem a uma época de grandes mudanças na Vila de Poço. Mudanças estas que, tendo início com a morte do místico Zé de Moura, e o fim de um período próspero pautado na tradição e religiosidade do povo desta pequena comunidade sertaneja, marcaram também a inauguração de uma nova etapa na história do município, uma fase repleta de incógnitas, de busca pela consolidação de uma identidade local, acompanhando de forma paralela os desdobramentos que se deram ao longo da segunda metade do século XX e raiar dos anos 2000, assim como a modernidade tardia e os símbolos que dela emergiram e a muito se instalaram nos grandes centros e capitais do país, mais só agora passavam a chegar em ritmo cada vez mais acelerado no sertão paraibano.

Um período de transição histórica, com desdobramentos por todo o mundo, mais que para a comunidade de Poço acabou representando um grande choque entre o novo e o tradicional, o rural e o urbano, tradições que insistiam em manterem-se acesas em meio a uma sociedade encantada com os símbolos da modernidade.

Um sentimento saudosista, que passou a ser expresso no discurso de uma parcela da sociedade que se via preocupada com os rumos que tomavam a cultura local. Um grupo de pessoas que sentiam os impactos das novas tecnologias sobre a juventude, que demonstravam imenso pesar ao verem as rápidas transformações que passaram a ocorrer em Poço.

CONSELHO EM PROL DA MEMÓRIA DE ZÉ DE MOURA

O acesso facilitado a novas tecnologias como o rádio e a televisão (mais tarde também a internet), as mudanças no cenário agrícola, com a decadência na produção de gêneros como o algodão e a cana-de-açúcar, e principalmente o aumento do número de famílias que passaram a residir no núcleo urbano do município, motivadas pelo desejo

de alcançarem melhores condições de vida (saneamento, acesso a escola para as crianças, proximidade com as unidades de saúde etc.), e pelos símbolos da modernidade que ali chegavam primeiro (energia elétrica, pavimentação, postos telefônicos...), acabaram levando a uma mudança de paradigma em meio à população de Poço.

A comunidade respirava agora sob os ares do urbanismo. Já não se ouvia mais falar em romarias, e as lembranças de José de Moura iam ficando cada vez mais apagadas diante dos novos hábitos que tomavam conta da comunidade. O município passara a apresentar um considerável avanço no que diz respeito a sua urbanização e constituição de seus órgãos públicos (hospitais, escolas etc.), no enteando, uma lacuna permanecia aberta no que diz respeito à consolidação de uma identidade local.

Diversas práticas foram aos poucos caindo em desuso e, muitas atividades outrora comuns em meio aquela população, foram aos poucos desaparecendo. Não se encontravam mais ativos os engenhos de cana-de-açúcar, o rádio e a televisão afastaram as crianças e jovens de brincadeiras como a bila, o pião, a brincadeira de cordão, a caça com baladeira e a pesca com vara e anzol.

Rezadores e benzedeiras, como José de Moura e seus contemporâneos já não eram mais procurados com a mesma frequência, uma vez que, com o advento da televisão e a enorme quantidade de informações transmitidas através dela, várias crenças foram se perdendo, relegando a um lugar marginal muitos dos saberes do povo sertanejo. O apego ao cientificismo, e o consumo cada vez maior de itens tecnológicos por parte da população local, ocasionou o afastamento das pessoas em relação às manifestações artísticas e muitos dos costumes pertencentes àquela sociedade.

Havia ali um vazio a ser preenchido, as pessoas, agora bem mais informadas pelo rádio e a televisão, se interessavam cada vez menos pela história e o folclore do município, fato que, despertou em meio a um grupo de professores, admiradores e parentes do místico Zé de Moura, a vontade de “preservar” e “resgatar” as memórias e a cultura daquela comunidade.

Um sentimento nostálgico que levou essas pessoas e se organizarem e discutirem as melhores estratégias de atuação em meio à comunidade. Uma militância em prol da cultura local, e principalmente da imagem do místico Zé de Moura, que acabou lançando as bases para o surgimento de novos grupos, novas manifestações locais, através do chamado “Conselho em prol da memória de Zé de Moura”.

OS SÍMBOLOS “RESGATADOS”

A partir da atuação do conselho, e das ideias lançadas por seus membros, muitas campanhas passaram a ser realizadas dentro do município. O grupo abraçou a causa da cultura e o discurso de resgate e preservação das manifestações artísticas locais, mobilizando a sociedade e o poder público municipal, no intuito de arrecadar fundos para construção de locais e realização de eventos, onde fizessem circular suas ideias.

Um trabalho desempenhado com êxito (a começar pelo projeto de preservação da imagem do místico Zé de Moura, com a ideia de criação de um memorial em sua homenagem) por esses agentes, que obtiveram uma boa aceitação por parte da população, ganhando respeito e notoriedade, aproximando-se inclusive da igreja católica e da própria classe política local, empenhados na missão de buscar as “autênticas raízes” da cultura de Poço, justificando assim a identidade deste povo.

Com representantes em diversas esferas da sociedade (igreja, poder público e sociedade civil), o conselho iniciou um trabalho de reativação das manifestações artísticas que haviam cessado suas atividades após a morte do místico Zé de Moura. Fizeram também um minucioso trabalho de campo, no intuito de encontrar antigos participantes destas manifestações, e através deles coletarem as informações necessárias para as reproduzirem novamente de forma “fiel”, tal qual aconteciam na época do fundador.

Projetos ousados como o de construção de um memorial em prol da figura do místico José de Moura e, realização de um evento de “Cultura popular”, também surgiram em meio ao grupo e aos poucos foram sendo aperfeiçoados e levados ao conhecimento do poder público municipal. A sociedade que também passou a se envolver aos poucos nas ações desenvolvidas pelo grupo, passou a comentar novamente os famosos casos de José de Moura e sua época gloriosa, criando-se assim, um ambiente promissor para cultura local.

Sendo assim, a cultura passa a ser vista como símbolo maior da identidade poçomourense, deixando transparecer todo um complexo conjunto de costumes, crenças e manifestações artísticas que podem nos levar, em uma análise superficial, a conclusão precipitada de que todos estes ícones, assim como o ilustre título (“Terra da cultura”) descendem de uma tradição remota. Quando na verdade, o que encontramos são “tradições inventadas” (HOBBSAWN e RANGER, 1997) sob um contexto histórico bem mais recente, permeadas por um processo dotado de intencionalidades e gerido por

grupos de intelectuais conscientes dos desdobramentos que se dariam a partir de suas intervenções.

Além de José de Moura e seus feitos para a comunidade, estes agentes passaram também a se preocupar em recuperar e dar evidencia a outros acontecimentos que se deram no município e, que segundo eles também representariam alguns dos traços da cultura local. Eventos antes praticamente desconhecidos ou que tiveram pouca repercussão na época passaram a ser vistos sob outro olhar, recebendo uma nova roupagem e sendo incluídos em uma nova narrativa.

A suposta passagem de lampião e seu bando de cangaceiros pelas proximidades da vila de Poço, ver: (GALVÃO, 2011)¹⁴ por exemplo, um fato antes pouco relatado pelos anciãos locais, talvez pela falta de testemunhos concretos (era comum na época às pessoas abandonarem suas residências para se esconderem no mato assombrados pela aproximação dos cangaceiros) ou mesmo pela revolta e a vergonha gerada em meio sociedade da época (conta-se que alguns dos cangaceiros cometeram diversas atrocidades com as poucas pessoas que insistiram em ficar em suas casas para defenderem seus bens e parentes idosos), passou a ser revista e elencada como símbolo da bravura e destreza dos homens e mulheres da comunidade.

A participação de um grupo de xaxado formado exclusivamente por moças poçomourenses, em um evento na capital federal no ano de 1988, foi outro símbolo “resgatado” para vinculação dessa imagem dos cangaceiros a cultura local. Fato que, nos demonstra a manifestação de um desejo por parte de alguns dos membros do conselho em construir uma nova identidade cultural para o município de Poço. Uma identidade híbrida, heterogênea dando lugar a novos atores sociais, novos grupos e novas manifestações outrora ofuscadas pela imagem do místico Zé de Moura.

Estavam assim, lançadas as bases para criação de uma nova identidade cultural. Identidade esta que, só seria concretizada anos mais tarde com a militância de grupos como o “Reisado Zé de Moura” e o “Grupo de Xaxado Pisada do Sertão”, criados/reactivados através do impulso dado pelo conselho e que passaram a atuar como duas importantes frentes de defasa das manifestações artísticas locais. Grupo estes, que iremos estudar a partir do próximo capítulo, visando compreender a forma como foram

¹⁴ GALVÃO, R. C. R. **São João do Rio do Peixe - Datas e Notas**. 1º. ed. São João do Rio do Peixe - PB: Grafica e Editora Halley S.A, v. I, 2011.

sendo organizados ao passar dos anos constituindo-se como importantes entidades civis e principais representantes da cultura local.

CAPÍTULO II – A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE

De acordo com Hobsbawn e Ranger (1997, p. 9), [...] “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas” [...], sendo assim, podemos compreender que muitas das manifestações artísticas, festas e eventos presentes hoje na cultura de Poço, se adequam a este conceito, uma vez que, estas tradições surgem e acabam ganhando grande notoriedade em meio à sociedade em um curto espaço de tempo.

Em uma definição um pouco mais aprofundada, tendo como base um conjunto de tradições oriundas das nações britânicas, Hobsbawn nos diz o seguinte:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado [...] (HOBSBAWN e RANGER, 1997, p. 9).

Amparados pelo conceito apresentado por Hobsbawn, seguiremos com a problematização do processo, ressaltando ainda que, o termo “cultura”, vastamente utilizado ao longo deste trabalho, não será encarado por nós sob o aspecto singular da historiografia tradicional. Não entendemos a cultura como um conjunto homogêneo e imutável de hábitos, crenças e costumes... Assim como, não pactuamos com ideia de divisão entre uma cultura dita erudita e outra de caráter popular. Toda vez, a utilização da expressão “Cultura Popular”, ao aparecer em algum momento do texto, será feita entre aspas, pois, representa parte do discurso elaborado pelos agentes envolvidos no processo de criação desta nova identidade cultural para Poço de José de Moura.

Optamos, portanto, em seguir sob o viés da Antropologia, acompanhando as orientações de autores como, Roque de Barros Laraia, que em seu trabalho **“CULTURA, Um Conceito Antropológico”**, ao citar Ruth Benedict, nos apresenta a cultura como: [...] “uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, tem visões desconectadas das coisas” (LARAIA, 2001, p. 67).

Entendemos que estas lentes, que propiciam aos homens visões distintas acerca do mundo, também podem ser substituídas e/ou modificadas de acordo com o contexto histórico em que vivem, ou seja, tendo em vista o caráter mutável assumido pela

cultura, é possível afirmar que, pessoas de uma mesma localidade, desfrutando de posições sociais parecidas, porém, em épocas diferentes, podem apresentar culturas distintas. A exemplo disso, podemos citar rapidamente o surgimento de novos símbolos e costumes que acabam sendo incorporados a cultura de um povo, porém, não necessariamente com o intuito de se sobrepor ou apagar totalmente os hábitos tradicionais.

Na música, por exemplo, encontramos vários episódios que nos servem de exemplo, um deles, talvez o mais emblemático de nossa história, ocorreu com o surgimento do Samba, ritmo nascido em meio às periferias no Brasil, praticado inicialmente por ex-escravos, representantes de uma parcela humilde e marginalizada pela sociedade que, devido a uma série de fatores (inclusive políticos), acabou sendo atrelado a uma cultura maior de nosso país, figurando hoje como um dos principais símbolos da identidade cultural de nosso povo. Porém, cabe aqui ressaltar que, mesmo diante do orgulho que tal fato nos causa, (a concretização de um símbolo da cultura nacional), isto não implica dizer que este gênero musical rompeu totalmente com as matrizes da música ocidental, pelo contrário, o samba, assim como os gêneros musicais brasileiros em geral, encontram-se permeados por características herdadas da música europeia. Escalas, métrica, instrumentos e diversos outros componentes presentes na música nacional derivam diretamente de uma antiga cultura herdada de nossos colonizadores.

Em um âmbito um pouco mais restrito, tratando-se da região Nordeste do país, região a qual Durval Muníz de Albuquerque Júnior em sua obra a **“Invenção do Nordeste”**, realiza uma análise crítica e aponta o conjunto de símbolos elencados para identidade local como uma invenção, tendo em vista que, a preocupação em distinguir e consolidar tais práticas como características desta região que passaria a se chamar de “Nordeste”, partiu de um grupo de intelectuais saudosistas de origens agrárias, preocupados em destacar os hábitos sertanejos, marcados pela seca, religiosidade e simplicidade características. Sendo assim, enxergamos neste processo o surgimento de uma nova cultura, a cultura do povo nordestino, que abrange todo um extenso grupo de indivíduos que diferenciam-se entre si e se enquadram na cultura de grupos menores, mas que, vez ou outra são equiparados a sulistas e povos das demais regiões, envoltos por uma cultura maior de nosso país (épocas de carnaval e campeonatos mundiais de seleções, por exemplo, onde afloram a empolgação e o patriotismo).

Nos apoiamos ainda, no pensamento do historiador francês Michel de Certeau, onde, fazendo a leitura de sua obra **“A Cultura No Plural”**, nos deparamos com um conceito de cultura bem mais amplo e adequado a complexidade de relações presentes nas sociedades sertanejas e conseqüentemente a problemática proposta aqui, uma vez que, o autor se refere a cultura não como algo engessado, imóvel e parado no tempo, (como pensam muitos leigos), mas admitindo o seu caráter plural e variável.

Partindo destas premissas, podemos compreender o processo histórico que passa a ser consolidado na cidade sertaneja de Poço de José de Moura no momento em que, agentes preocupados com o resgate e manutenção da cultura local, diante de um contexto de rápidas mudanças impostas pelos avanços tecnológicos oriundos do capitalismo, passam a buscar no passado e na figura de um ilustre cidadão, as bases para construção de uma nova identidade. Identidade esta que, não poderia mais se sustentar única e exclusivamente por relatos memorialísticos, que necessitava agora de novos elementos, novos símbolos que garantissem a sua aceitação em meio a uma sociedade impactada pela modernidade.

O movimento iniciado com o conselho em prol da memória de Zé de Moura, sem dúvidas foi o ponto de partida para o processo que resultaria na consolidação de uma nova identidade cultural para Poço, no entanto, a força motriz para essa empreitada se atribui aos esforços desempenhados pelos grupos culturais “Pisada do Sertão” e “Reisado Zé de Moura”. Grupos estes que, assim como diversas outras manifestações consideradas hoje tradicionais dentro do município, surgiram em meados da primeira década deste século (2000), símbolos que representam muito bem a ideia de HOBBSBAWN e justificam a nossa problemática, à medida que, observamos com atenção a trajetória desses grupos e as contribuições alcançadas através de suas constantes intervenções.

Torna-se impossível dissociar tais agremiações da cultura do município, uma vez que, além das inúmeras contribuições já mencionadas, os grupos se encontram respaldados por leis e organizados enquanto seguimentos da sociedade civil (associações, entidades educacionais etc.). O que muitas pessoas (principalmente observadores vindos de fora) não se dão conta é que, os grupos assim como grande parte das manifestações consideradas hoje tradicionais são frutos de uma trajetória recente, diferente do que deixam transparecer estes agentes ao discursarem ou escreverem sobre a cultura de Poço.

O BRILHO DA MODERNIDADE OFUSCANDO A TRADIÇÃO

Os choques culturais e os impactos causados com o advento da modernidade tem marcado a história da humanidade até os dias atuais, causando inúmeras mudanças não apenas físicas nos ambientes urbanos, como também na mentalidade e nos costumes diários das pessoas. Em seu livro **“A Identidade Cultural Na Pós - Modernidade”** o sociólogo jamaicano Stuart Hall, problematiza o agravamento deste quadro de “crise” identitária que vem se desenvolvendo em meio às sociedades na chamada “modernidade tardia”, colocando em cheque as “velhas identidades” e abrindo espaço para “identidades fragmentadas”.

A questão da Identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Tendo como base os desdobramentos ocorridos no mundo ocidental ainda no século passado, podemos tomar como exemplo a modernização da cidade de Paris, capital da França, processo que passou a servir de exemplo para diversas outras cidades mundo a fora, entre elas a própria cidade do Rio de Janeiro no Brasil, onde, sob a justificativa de embelezar e trazer o progresso a população, muitas mudanças estruturais foram colocadas em prática, afetando diretamente o modo de vida ao qual estavam acostumados os seus habitantes.

A exemplo do Rio de Janeiro, outras capitais foram também dando lugar aos signos da modernidade, cada qual a sua maneira, e diante de um contexto específico. Sendo quê, além dos historiadores, outros profissionais e artistas que puderam presenciar estas mudanças, acabaram registrando através de suas obras, os desdobramentos dessas empreitadas.

No caso da cidade de São Paulo, que passou por uma ampla reestruturação entre o final do século XIX e início do século XX, o famoso cantor e compositor Adoniran Barbosa, descendente de família italiana, boêmio e exímio conhecedor das ruas e construções da “Antiga São Paulo”, demonstrou em forma de canção a sua admiração e indignação diante da rapidez com a qual vinha sendo modificando cenário da capital paulista.

Em sua famosa música, “Saudosa Malóca”, Adoniran nos retrata através de uma melodia triste, a difícil situação de dois de seus grandes amigos (“Mato Grosso” e “Joca”), ao serem obrigados a deixarem a antiga construção onde viviam (Malóca).

Saudosa Maloca
Adoniran Barbosa

Se o senhor não tá lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto
Era uma casa véia
Um palacete assobradado

Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mas um dia, nem quero me lembrá
Veio os homis c'as ferramentas
O dono mandô derrubá

Peguemos tudo as nossas coisas
E fumos pro meio da rua
Apreciar a demolição
Que tristeza que eu sentia
Cada táuba que caía
Doía no coração

Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os homis tá cá razão
Nós arranja outro lugar
Só se conformemos quando o Joca falou
Deus dá o frio conforme o cobertor

E hoje nós pega páia nas gramas do jardim
E prá esquecê, nós cantemos assim
Saudosa maloca, maloca querida
Dim-dim donde nós passemos os dias feliz de nossa vida
Saudosa maloca, maloca querida
Dim-dim donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/adoniran-barbosa/43969/>
acosso em : 01/05/2019.

A canção de Adoniran nos serve de exemplo, para que possamos compreender os impactos gerados com o advento da modernidade e seus signos. Signos estes que, costumam se instalar inicialmente nos grandes centros, mas que, de forma tardia também alcançam os lugares mais remotos do país, afetando os costumes e a forma como as pessoas passam a agir diante de tais novidades.

Assim como nos mostram os versos da canção do grande Adoniran Barbosa, é preciso ter em mente que, nem sempre a modernidade deve ser encarada como sinônimo

de progresso e embelezamento, e no que se refere às práticas e costumes de uma sociedade, ela vem muitas vezes para afeta-los consideravelmente.

No caso de pequenas cidades sertanejas, como Poço de José de Moura, e São João do Rio do Peixe, a quem permaneceu depende politicamente durante vários anos, muitos dos empreendimentos e modificações presenciados por Adoniran e seus contemporâneos na grande São Paulo, levaram décadas para chegar até aqui, mantendo-se o caráter rural e pacato destas comunidades por um longo período.

No caso de Poço, especificamente, mesmo após a consolidação de sua emancipação política no ano de 1994, diversas práticas consideradas tradicionais eram mantidas em meio à sociedade. Práticas estas, pautadas na religiosidade aflorada de sua gente e principalmente no ambiente rural que ali predominava. As pessoas estavam acostumadas com a lida na roça, com as práticas agrárias e com as referências religiosas que lhes eram ensinadas e respeitar desde muito cedo.

A própria Geysa, ao nos contar as suas experiências de infância ao migrar da Capital João Pessoa para Poço no ano de 1995, contribui com esta nossa afirmação ao dizer:

Nesse novo contexto, após 1995 e agora como moradora, fui inserida num universo de forte religiosidade. Fazia parte do cotidiano da população a devoção ao santo padroeiro da cidade, São Geraldo Majella, e práticas religiosas para mim desconhecidas, como novenas dedicadas a um santo ou santa, missas na intenção de falecidos, pagamento de promessas, depósito de ex-votos, velórios e sepultamentos, etc. As práticas conhecidas por mim foram reforçadas, passei a ser levada frequentemente a casa de vários rezadores e rezadeiras da cidade, conhecidos da minha família, para ser rezada de mau olhado e quebranto. Naqueles momentos me chamava atenção o cheiro exalado pelo ramo quando passava em forma de cruz entre a cabeça e o peito, a ele se misturava o cheiro da vela de sete dias acesa próxima ao oratório. As casas dos rezadores e rezadeiras tinham muitas imagens de santos, principalmente São Geraldo. Também havia as de padre Cícero ou de Frei Damião penduradas nas paredes. Quando saía de lá me divertia com outras crianças imitando os gestos e poucos dizeres que entendia daquela benzedura. Também passou a ter significado para mim as histórias sobre um velho rezador que atuava no Poço até a década de 1960, durante a infância dos meus pais (DUARTE, 2014).

Percebe-se que, o imaginário das pessoas ainda girava em torno da religiosidade e das práticas no campo, uma vez que, estes costumes ainda não tinham sido confrontados de forma abrupta com os signos modernos que a globalização e os novos meios de comunicação já vinham proporcionando aos grandes centros.

Imagem 02: Imagem frontal da igreja matriz de São Geraldo, tendo em destaque a antiga cabine de televisão.



Fonte: Acervo do historiador e secretário de Cultura de Poço de José de Moura, Francisco Cazuzza da Silva

Na imagem acima (ano de 1999), cedida pelo historiador e atual secretário de cultura de Poço de José de Moura, Francisco Cazuzza da Silva, encontramos em destaque (da esquerda para direita), ao lado da imponente Igreja Matriz de São Geraldo Majella, uma pequena cabine de televisão. Cabine esta, que abrigou desde a década de 1970, (momento em que foi instalada a rede elétrica na Vila de Poço), a primeira televisão comunitária¹⁵ do município, doada pelo então Prefeito de Antenor Navarro, Dr. José Dantas Pinheiro.

A imagem, assim como, a descrição feita por Geysa, nos serve de exemplo para que possamos compreender o ritmo lento no qual chegavam às novas tecnologias em Poço de José de Moura, visto que, esta mesma televisão, foi durante muitos anos uma das poucas novidade tecnológicas que surgiram para a maior parte da população poçomourense.

No entanto, o acesso facilitado à eletricidade (inclusive pela população das comunidades rurais) e as comodidades proporcionadas com a popularização de

¹⁵ Era comum durante a noite reunirem-se no pátio ao lado da igreja matriz, uma grande quantidade de pessoas para acompanharem a programação exibida gratuitamente através do aparelho de TV. Uma tecnologia que a maioria da população não dispunha em seus lares e que permaneceu em funcionamento até meados do ano de 2002.

aparelhos como a televisão, o computador e o aparelho celular, que passaram a fazer parte das residências dos poçomourenses ao raiar dos anos 2000, fez com que muitos desses costumes fossem rapidamente sendo modificados, tornando-se evidente o distanciamento das pessoas em relação a muitas ações antes tão valorizadas em meio aquela sociedade.

Era comum presenciar algum idoso falar com entusiasmo dos “bailes” em salão de “barro batido”, animados ao som de músicos locais como Ananias Cassiano e Israel Duarte (ambos, saxofonistas), e da admiração que tinha ao relatar que estes músicos tocavam durante a noite inteira sem o auxílio de nenhum aparelho de som e por uma quantia (cota) que era arrecada ali mesmo na hora da festa, enquanto nos “dias de hoje” as bandas e os grandes grupos que vem de fora para a festa de emancipação política do município, tocam apenas poucas horas e mesmo com um grande aparato tecnológico não animam as pessoas como antigamente.

O próprio José Vandervan, guia do “Memorial Zé de Moura” por diversas vezes expôs em suas apresentações, a preocupação que se tinha de, em um determinado período, as pessoas acabarem esquecendo até mesmo a própria figura do fundador José de Moura. Angústia esta, que o levou a escrever um pequeno conto, conto este, onde retratava o diálogo fictício entre José de Moura reencarnado na figura de um viajante e um garoto morador de Poço de José de Moura, 40 anos após sua morte. Na conversa, o místico (disfarçado de viajante), mostrava-se surpreso com as mudanças que agora presenciava em sua terra, ficando ainda mais triste ao indagar o garoto sobre José de Moura e seus feitos e, ele (o rapaz) simplesmente não saber lhe responder. Mostrando assim, o desinteresse das novas gerações com relação à cultura e a própria história do município.

Em um trecho retirado do conto escrito à mão por José Vandervan, podemos compreender melhor o diálogo entre os personagens.

Cheguei a esta cidade como um cidadão qualquer. Logo na entrada me deparei com um bairro muito grande. Então pensei! Será a minha terra? [...] [...] Passei em frente daquela que um dia foi minha casa e não a reconheci, pois, estava totalmente modificada, diferente da que deixei ao partir [...] [...] Estava ainda sentado com um jovem se aproximou, então perguntei: _ Você mora aqui? Ele respondeu: Sim senhor. Comecei então a fazer perguntas esse jovem. Perguntei: E essa estátua, de quem é? É de Zé de Moura. Mais quem foi Zé de Moura? Ah! Parece que foi um rezador sei lá. Tornei a perguntar. E essa igreja tão bonita? Quem fez? O rapaz respondeu: Ah! Seu moço, eu não sei não [...]

Como podemos observar, no conto acima escrito por José Vandervan e, nos inúmeros exemplos já citados, Poço vivia um período de grandes mudanças, um período de crise identitária tal qual nos apresenta Stuart Hall, e é neste contexto de rápidas mudanças, onde emerge o discurso de “resgate” e “preservação” da cultura local. É justamente neste momento quando surge a necessidade de afirmação de uma identidade para o município, recém-emancipado, a partir desta busca pelas “autênticas raízes” da cultura de Poço, que um grupo de intelectuais e entusiastas toma a dianteira no processo, reunindo-se em duas entidades que se tornariam em pouco tempo, elas mesmas, consideradas símbolos desta nova identidade cultural.

GRUPO DE XAXADO PISADA DO SERTÃO

A busca pela criação e consolidação da identidade de um grupo ou nação, normalmente passa pelo crivo de uma minoria de seus representantes, na maior parte das vezes, intelectuais que se lançam como baluartes nesta grande empreitada e, que passam a elencar aquilo que lhes parece mais adequado a consolidação do processo. Foi assim no Brasil, com a “Semana de Arte Moderna” de 1922, quando, artistas e intelectuais brasileiros, ao passo em que se comemorava o centenário de independência e o fim da primeira guerra mundial, mostraram-se decididos a questionar os modelos artísticos herdados do classicismo europeu, em especial, aqueles importados da França.

Estes artistas buscavam a consolidação de uma identidade cultural genuinamente brasileira, pautada nas artes e linguagens que aqui circulavam, abandonando a precisão técnica e as formas rebuscadas de estilos como o “Parnasianismo”, abrindo espaço para novos olhares e formas de arte nacionais, antes marginalizadas em virtude dos padrões franceses oriundos da chamada “Belle Époque”.

Idealizado pelo Pe. Walter Anacleto de Andrade, e a jovem professora, Ana Neiry de Moura Alves, o Grupo de Xaxado Pisada do Sertão, surge na cidade de Poço de José de Moura no ano de 2004, poucas semanas antes das festividades religiosas em homenagem ao padroeiro do município São Geraldo Majella, encaminhando um processo semelhante na cidade sertaneja (guardadas as devidas proporções).

No intuito de montarem um espetáculo com danças folclóricas, visando animar as quermesses realizadas no pavilhão da igreja matriz no mês de Outubro (mês onde também se comemora o aniversário de nascimento de José de Moura), estas pessoas, membros que eram do conselho em prol da memória de José de Moura, também atendiam com a proposta, aos anseios de “resgate” e “preservação” da cultura local,

uma discussão que já se encontrava em marcha no município e que, iniciara com a preocupação manifestada por parte dos membros do conselho, em elencar uma série de símbolos a serem resgatados.

Pensando-se em danças que estivessem ligadas a cultura nordestina, surge a ideia de montagem de um espetáculo de xaxado, no entanto, como já se debatia em meio aos membros do conselho, seria preciso justificar tal manifestação frente cultura local. Seria preciso algum vínculo, algum episódio que servisse como elo para atrelar à dança de guerra dos cangaceiros a identidade cultural poçomourense.

A princípio, a solução encontrada foi à participação de algumas moças da então Vila de Poço, em um grupo de xaxado que, ao lado de outros jovens paraibanos, representaram o estado em um importante evento na capital do país no ano de 1982. O evento em questão foi a Convenção Nacional da Juventude Rural e o grupo que foi enviado até a capital, Brasília, contava também com moças e rapazes de cidades vizinhas como, Uiraúna e Triunfo.

Imagem 03: Fotografia capturada no ano de 1982, na ocasião da realização da Convenção Nacional da Juventude Rural em Brasília.



Fonte: acervo pessoal da senhora Maria do Carmo Torres

Uma das primeiras dançarinas remanescentes a ser contatada, foi à senhora Maria do Carmo Torres, que nos cedeu gentilmente à imagem acima e que é a terceira

(da direita para a esquerda) a aparecer na foto, na segunda fila de baixo para cima, ao lado da atual prefeita do município de Poço de José de Moura, Aurileide Egídio, que aparece de cabeça baixa, e a atual secretária de educação Nubia Nayete de Moura, respectivamente. Nubia, inclusive, teria sido a responsável pela indicação de sua irmã Ana Neiry para assumir os trabalhos coreográficos frente ao grupo de jovens, uma vez que tanto ela (Núbia) quando Maria do Carmo, não se mostraram aptas a desenvolverem tal função.

Imagem 04: Grupo de Xaxado que representou a Paraíba na Convenção Nacional da Juventude Rural no ano de 1982.



Fonte: acervo pessoal de Dona Maria do Carmo Torres

Imagem 05: Pe. Walter Fernandes Anacleto, Posando para foto ao lado de Dona Maria do Carmo Torres.



Fonte: acervo pessoal de Dona Maria do Carmo Torres

Sendo assim, mesmo valendo-se de um evento esporádico, estavam lançadas as bases para criação do Grupo de Xaxado Pisada do Sertão. Grupo este que, encaminharia de forma efetiva o processo de construção de uma nova identidade cultural para a cidade Poço de José de Moura, passando posteriormente a tutela exclusiva da professora Ana Neiry que, sendo uma das fortes militantes engajadas a causa da “defesa” e “preservação” da cultura local, buscou ir ainda mais a fundo nas “raízes” da cultura poçomourense, trazendo elementos que atribuíssem a dança do xaxado, legitimidade frente a esta nova identidade cultural que vinha sendo moldada.

Imagem 06: Primeira formação do Grupo de Xaxado Pisada do Sertão.



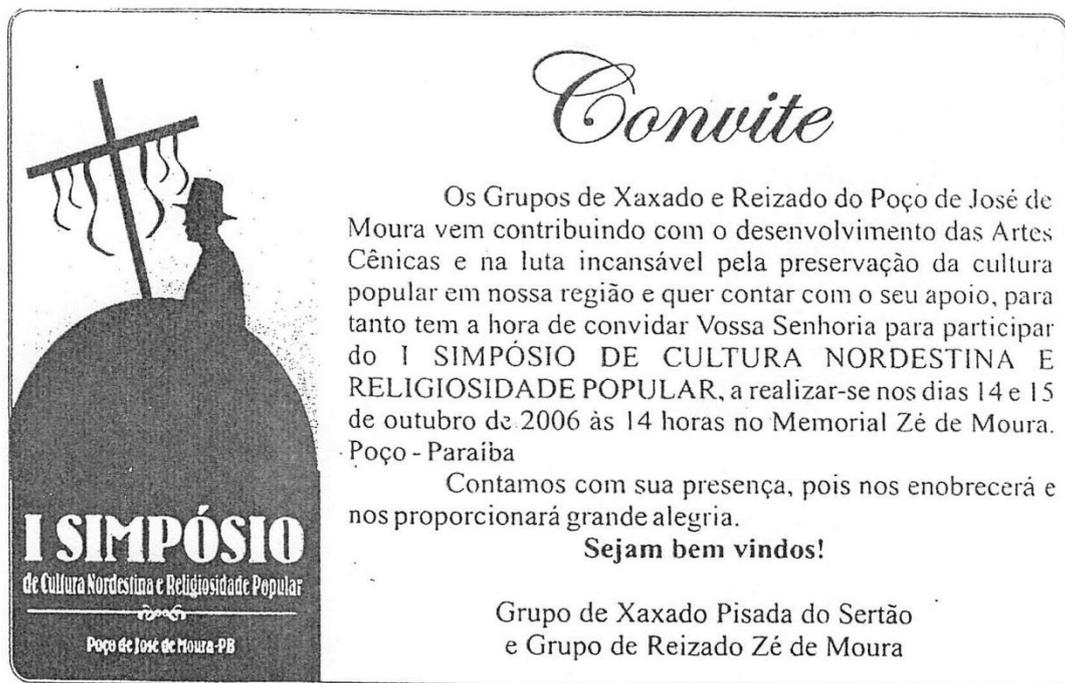
Fonte: acervo pessoal de Tamara Soleane

Na imagem acima, posam para foto os integrantes da primeira formação do Grupo de Xaxado Pisada do Sertão. De pé e posicionados da esquerda para direita, encontram-se as figuras masculinas de: Cássio Kennedy de Sá Andrade, Cícero Luan Torres de Sousa, Junior Quaresma (representando Lampião) e Francisco Arthur da Silva Dantas. Agachadas, e na mesma ordem, encontram-se as dançarinas Werlaynne Kelly Anacleto Quaresma Estrela, Raylka Liara Dantas, Lucélia Anacleto e Rafaela Lopes. Ainda com um figurino modesto e poucos adereços estes jovens davam início à trajetória de um dos grupos que viria a se tornar posteriormente, um dos mais importantes no cenário cultural da cidade de Poço de José de Moura.

Em grande parte, devido astúcia e desenvoltura de Ana Neiry que, ao assumir o desafio de coordenar o grupo, mostrou-se uma pessoa muito bem articulada e com grande facilidade para o trabalho com os jovens, características que a levou a obter êxito com o projeto, montando e ensaiando em um curto espaço de tempo, um espetáculo que, segundo relatos, agradou e teve ótima repercussão em meio à população local, em grande parte devido, justamente a dança do Xaxado. Dança esta que, tornou-se o

símbolo indenitário do grupo encorajando-os a seguirem com a proposta de manutenção da agremiação.

Imagem 07: Convite para o I Simpósio de Cultura Nordestina e Religiosidade Popular, Promovido pelos Grupos, Xaxado Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura.



Fonte: acervo da Associação cultural Pisada do Sertão

Como podemos observar na imagem acima, um forte discurso de “resgate e “preservação” da “cultura popular”, passou então a ser elaborado e disseminado em meio à população. Festas, eventos e novas agremiações passaram a ser fomentados pelo grupo Pisada do Sertão que, trouxe a tona e fez torna-se do conhecimento da população, eventos antes pouco lembrados pela historiografia tradicional, utilizando-os como justificativa para as potencialidades artísticas que afloravam em meio este ambiente efervescente. Um trabalho que, no entanto, não deixa transparecer as peculiaridades que acabou levando vários destes eventos a permanecerem por muito tempo no anonimato.

O próprio xaxado, dança de guerra dos cangaceiros, que segundo alguns dos próprios integrantes do grupo Pisada do Sertão, se justifica no município, também em virtude da possível passagem de Lampião e seu bando por terras poçomourenses, versão esta que já mencionamos anteriormente e que encontra pouco respaldo na historiografia,

é um claro exemplo disso. O episódio em questão, conta com pouquíssimos relatos históricos oficiais, poucos são os habitantes do município que conservam alguma memória do ocorrido, mesmo aqueles que dizem ter ouvido falar de seus antepassados não sabem precisar o que se passou na ocasião.

O fato é que, ainda assim, tal episódio (assim como outros) praticamente desconhecido pela maioria, passou a ser utilizado como ponto de partida para criação/invenção de novas tradições.

HOBSBAWN e RANGER (1997, p. 9), ao tratarem das Tradições das Terras Altas (Hihlands) da Escócia, nos apresentam um processo semelhante, mostrando como, um conjunto de tradições foram sendo inventadas e diante de um ambiente de grandes mudanças passaram a ser tomados como legítimas representações da cultura destes povos.

Ao tratarem da questão das indumentárias tradicionais dos escoceses, principalmente o famoso Kilt xadrez, com suas estampas que representariam a diferença entre os clãs ali existentes, os autores nos mostram que:

[...] Podemos, portanto, concluir que o Kilt é uma vestimenta absolutamente moderna, idealizada e vestida pela primeira vez por um industrial Quaker inglês, que não o impôs aos montanhese para preservar o modo de vida tradicional deles, mais para facilitar a transformação deste mesmo modo de vida: para trazê-los das urzes para a fábrica. (HOBSBAWN e RANGER, 1997).

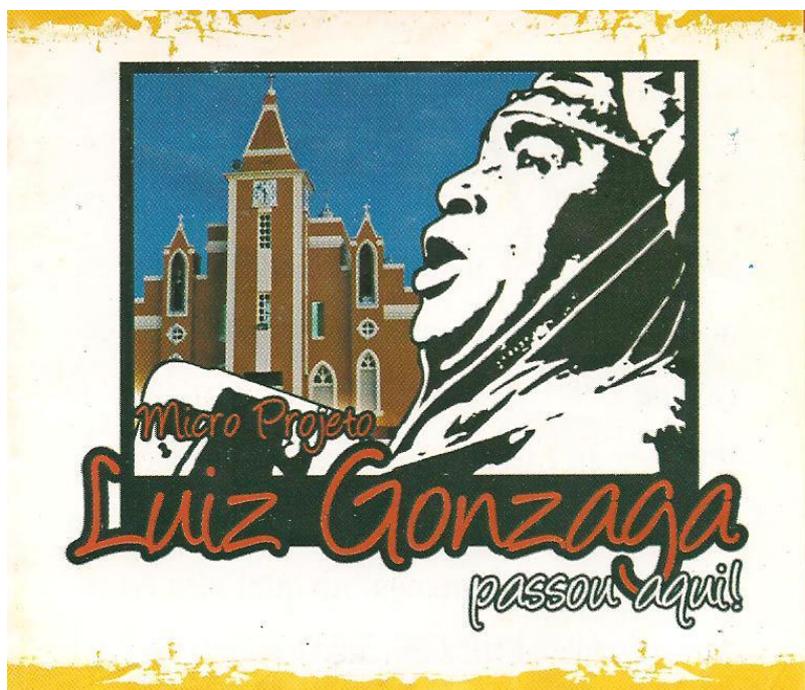
Na citação acima, os autores nos mostram como as modificações de um industrial inglês que, a princípio tinham fins exclusivamente práticos, acabaram sendo tomadas como símbolos de uma tradição de todo um país, figurando a partir de então como oriundas de um passado remoto e pertencentes ao povo. Podemos então compreender como eventos esporádicos da história de Poço conseguiram alcançar um status tradicional com base na construção de um forte discurso.

Seguindo essa linha, podemos citar ainda, a passagem do Rei do Baião, Luiz Gonzaga, pelo nosso município. Em documentário recente, produzido pelos educandos atendidos pela atual, Associação Cultural Pisada do Sertão, “Um Dia Com o Gonzagão – O Fole Roncou Na Minha Terra”¹⁶, o episódio é apresentado com ares de glamour, como um grande marco para história de Poço. Autoridades são entrevistadas e cidadãos

¹⁶Ver: “Um Dia Com o Gonzagão – O Fole Roncou Na Minha Terra”, https://www.youtube.com/results?search_query=um+dia+com+o+rei+do+bai%C3%A3o+o+fole+roncou+em+minha+terra> acesso em 09/05/2019.

locais aparecem relatando forma entusiasmada a experiência única que tiveram ao se aproximar do ícone da música sertaneja e nacional.

Imagem 08: Panfleto de divulgação do “Micro Projeto Luiz Gonzaga passou aqui”



Fonte: acervo da Associação cultural Pisada do Sertão

Em um “micro-projeto” patrocinado pelo Centro Cultural banco do Nordeste, no ano de 2009, a própria Pisada do Sertão já havia celebrado a passagem do Rei do Baião, levando a público um material em vídeo com depoimentos de pessoas que estiveram presentes na ocasião, assim como, um espetáculo musical, com artistas locais que se encarregaram de reproduzir no exato local onde se passou o show de Luiz (Mercado público municipal), o repertório apresentado por ele na ocasião.

O fato é que, em ambos os casos, tanto no documentário quanto no “Micro-projeto”, não é apresentado nenhuma imagem ou referência bibliográfica que reforce a ideia que se pretende transmitir, de um evento com ampla repercussão. Assim como na passagem de lampião e seu bando, a visita de Luiz Gonzaga a Vila de Poço, permaneceu durante muito tempo na memória de poucos dos habitantes locais, dada forma repentina como aconteceram, sendo assim, podemos afirmar de que tais episódios não poderiam ser considerados até então como pertencentes ao imaginário coletivo da população.

Nota-se, portanto, a clara intenção, por parte do grupo, em evidenciar e tornar público e do conhecimento geral, estes eventos antes pouco conhecidos em meio aos habitantes locais. Torna-se clara também, a intenção de atribuir a tais eventos, uma carga simbólica que os legitimem como signos nos quais podem ser lançadas as bases desta nova identidade cultural local.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL PISADA DO SERTÃO

Como podemos observar, o grupo de xaxado Pisada do Sertão, acabou marcando o início do processo de construção de uma nova identidade cultural para o município de Poço de José de Moura. No entanto, é a partir do momento em que o grupo se articula enquanto organização da sociedade civil, que suas ações são intensificadas, abrindo espaço para o surgimento de novos grupos e manifestações culturais na cidade sertaneja.

Imagem 09: Votação para eleição da primeira diretoria da Associação Cultural Pisada do Sertão.



Fonte: acervo da Associação cultural Pisada do Sertão

Na imagem a cima, encontramos, o registro fotográfico do momento de votação para eleição dos membros da primeira diretoria da Associação Cultural Pisada do Sertão.

A seguir, temos ao registro dos membros da diretoria eleita para o primeiro mandato frente a ACPS. direita, temos a imagem dos membros eleitos posando para foto (da esquerda para direita, temos, Ana neiry de Moura Alves (Presidente), Tamara Soleane da Silva Dantas (Vice – Presidente), Rafaela Lopes (Secretária), Aldecy Alves Duarte (Diretor de Finanças), José Orlando Silva (Diretor de Comunicação), Cicero Luan Torres de Sousa (1º Suplente), Diórgens Claudino (2º Suplente), Francisca Verônica Mirelle Torres da Costa (3º Suplente).

Imagem 10: Diretoria eleita no ano de 2007



Fonte: acervo da Associação cultural Pisada do Sertão

Na revista “Caminhos do Sertão”, um periódico que tem por objetivo apresentar algumas das cidades do alto sertão paraibano, informando ao leitor os seus atrativos turísticos, através de um breve histórico dedicado a cada município, encontramos em sua edição de lançamento, datada de Julho de 2009, um artigo dedicado a Associação Cultural Pisada do Sertão, que nos chama atenção, uma vez que, o mesmo ocupa um terço do espaço reservado ao município de Poço de José de Moura, e apresenta detalhadamente as ações e o propósito da entidade.

A **Associação Cultural Pisada do Sertão**, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, com a finalidade de representar, incentivar, fomentar e congregar os artistas das diversas atividades culturais da cidade de Poço de José de Moura e região. Apesar de ser formalizada em maio de 2007, como proposta dos integrantes do Grupo de Xaxado Pisada do Sertão, a sua atuação ocorre desde 2004, na qual seus integrantes desenvolviam ações na área cultural e necessitavam de uma entidade formalizada onde garantisse a autonomia cultural, artística e administrativa visando o desenvolvimento artístico-cultural dos seus membros e toda comunidade. [...] (INFORMATIVO TURÍSTICO REGIONAL, 2009, p. 9).

Além dos informativos a cerca das áreas de atuação da organização, no artigo, encontramos ainda uma lista com os nomes dos grupos agregados a associação, reforçando assim, a tese defendida neste trabalho.

Entre os grupos que integravam a Associação Cultural Pisada do Sertão naquele momento, encontravam-se:

- Grupo de Xaxado Pisada do Sertão;
- Grupo de Danças Folclóricas Pisada do Sertão;
- Grupo de Reisado Zé de Moura;
- Grupo de Forró Pé de Serra Pisada Quente;
- Grupo Musical Ousadia;
- Grupo de Teatro Artes do Sertão;
- Grupo Criarte (trabalhos com artesanato).

Percebe-se então, um grande avanço nos propósitos destes agentes, uma vez que, agora organizados legalmente, não somente conseguem estimular a criação e circulação de novas manifestações artísticas dentro do município, como também, encontram-se aptos a concorrerem a editais e projetos governamentais, assim como, a parcerias com entidades privadas através de políticas públicas voltadas a área cultural, como podemos observar no trecho abaixo, retirado ainda da revista “Caminhos do Sertão”.

A iniciativa desenvolve todas as suas atividades durante o ano inteiro e mantém sua estrutura e organização, ou seja, figurino, instrumentos musicais e oficinas exclusivamente de cachê de apresentações, realização de festas, vendas de artesanato e editais públicos. (INFORMATIVO TURÍSTICO REGIONAL, 2009, p. 10).

Mantendo-se ativa até os dias atuais, A Associação Cultural Pisada do Sertão, vem ampliando suas ações e destacando-se no cenário cultural do Alto Sertão

Paraibano, sendo hoje, responsável pela promoção de diversos eventos dentro e fora do município de Poço de José de Moura, fomentando através de ações e parceiras, diversos grupos e artistas representantes da chamada “Cultura Popular”.

REISADO ZÉ DE MOURA

O grupo de Reisado Zé de Moura, como já mencionado no capítulo anterior, é uma das mais antigas manifestações culturais presentes em Poço de José de Moura. Criado pelo próprio fundador do município, o grupo manteve-se ativo até poucos anos antes de sua morte, quando passou por um longo período de inércia, sendo lembrado esporadicamente em função de algumas datas comemorativas. Um longo período que se estendeu até o ano de 2006, quando o grupo teve retomadas suas atividades de forma permanente, com uma nova formação. Nos versos a seguir, retirados de um cordel de autoria da estudante Rafaela Lopes Gonçalves, encontramos um referência a última participação do místico frente ao grupo, na ocasião de comemoração do centenário da cidade de Cajazeiras – PB, no ano de 1964.

Divertiu-se a fazer parte
Do centenário de Cajazeiras,
Levando consigo o Reisado,
Cultura, folclore e riqueza,
Que era feita de poesias,
Composto por galantes e princesas.

Praticou folclore,
Dançando o reisado,
Que tinha várias figuras,
E virou grande literato,
Apresentou-se a última vez,
Na festa do centenário.

Tendo como principal incentivador o mestre de cultura, José Vandervan, um dos maiores conhecedores da história de José de Moura e uma das figuras de grande influência do já mencionado conselho em prol da sua memória (José de Moura), o grupo contou ainda com a colaboração de Pe. Walter Anacleto, que por muitos anos atuou de forma efetiva enquanto integrante desta agremiação (inclusive na figura de galante), e outros importantes membros do conselho como: Dona Maria do Carmo Torres, irmã de

José Vandervan e uma das militantes na causa de “defesa” e “preservação” da cultura local (também uma das participantes do já mencionado grupo de xaxado que representou a Paraíba no ano de 1982, em Brasília).

Com o incentivo destes conselheiros, e o apoio do Grupo de Xaxado Pisado do Sertão, agremiação retomou suas atividades, e levou novamente, as festas e comemorações (principalmente religiosas: quermesses, festas de padroeiros etc.) de Poço e cidades vizinhas, uma das primeiras manifestações cultivadas no município pelo seu fundador. Mantendo-se muitos dos traços herdados das primeiras formações, e valendo-se também de novos recursos, como: instrumentos de sopro (saxofone, por exemplo) na parte musical, coreografias mais elaboradas, novas vestimentas etc.

Imagem 11: Grupo de reisado Zé de Moura



Fonte: Imagens captadas pelo fotógrafo Augusto Pessoa para a revista “Meu Sublime Torrão” Produzida no ano de 2007. Na imagem, posam para foto os integrantes do grupo de reisado “Zé de Moura”.

Na imagem acima, podemos observar os galantes e damas posando para foto, na companhia dos animais que participam da brincadeira do reisado. Logo ao fundo, observamos a parte lateral da igreja matriz de São Geraldo Majella, e a direita, embora oculta na imagem, a famosa gruta onde se encontram os restos mortais do místico Zé de

Moura. Uma forma de reforçar através de um posicionamento estratégico, a ideia de ligação do grupo para com estes monumentos (Igreja e Gruta).

A reativação do grupo de reisado, que herdara o nome de seu fundador, passou a representar mais um importante passo dado, no tocante a consolidação de uma nova identidade cultural para o município de Poço de José de Moura. Identidade esta que, embora se demonstre comprometida com as “autênticas” raízes da cultura local, passou a ser lapidada também com base em novos símbolos, novas bases de apoio.

ASSOCIAÇÃO DE REISADOS ZÉ DE MOURA

Após a sua reativação, o Grupo de Reisado Zé de Moura permaneceu ligado durante muitos anos à igreja católica e a Associação Cultural Pisada do Sertão, no entanto, isso não impediu que seus integrantes tivessem uma forte atuação dentro do município e que, de forma autônoma e paralela as ações desenvolvidas pela Pisada do Sertão e a própria igreja, pudessem se afirmar enquanto uma das mais atuantes agremiações artísticas dentro do município.

Diante disso, foi criada no dia 30 de Novembro de 2011 a Associação de Reisados de Poço de José de Moura – ARPJM. Como podemos observar na descrição detalhada presente no Blog¹⁷ da instituição.

Na quarta feira, dia 30/11 foi realizada no Memorial Zé de Moura em Poço de José de Moura a assembleia de fundação da Associação de Reisados de Poço de José de Moura. Contando com a presença de 35 membros da comunidade, a assembleia deliberou sobre o estatuto da entidade, a importância da associação e elegeu sua Diretoria Executiva por aclamação. A Diretoria terá o mandato de dois anos, podendo ser renovado por igual período.

A diretoria eleita ficou definida da seguinte forma:

Presidente: José Vandervan

Vice-Presidente: Auricelia Gonçalves Pinheiro

Secretaria Geral: Maria Claudiana Gonçalves Soares

Diretor de Finanças: Francisco Cazusa da Silva Sobrinho

Diretora de Divulgação: Francisca Márcia Alves

Suplentes:

Raylka Liara Dantas Bandeira

¹⁷ Ver, Blog oficial da Associação de Reisados de Poço de José de Moura, disponível em: <http://reisadozedemoura.blogspot.com/2011/12/dia-3011-foi-realizada-no-memorial-ze.html> > acesso em 16/05/2019.

Antonio Edmar Torres

Maria do Carmo Torres

Na imagem a seguir, temos o registro da assembleia realizada na oportunidade, e que culminou com a eleição dos integrantes da primeira diretoria executiva da ARPJM.

Imagem 12: Reunião para eleição da associação de reisados de Poço de José de Moura.



Fonte: Acervo da Associação de Reisados de Poço de José de Moura

Desta forma, identificamos mais um marco no processo de criação de uma nova identidade cultural para o município de Poço de José de Moura, uma vez que, agora formalizada, a ARPJM, passaria a atuar de forma ainda mais incisiva na causa da cultura local, podendo, assim como a Associação Cultural Pisada do Sertão, concorrer a editais do governo, sendo amparada pelas políticas públicas destinadas a área cultural.

Dado este importante passo, a Associação de reisados passa a atuar de forma autônoma, desvinculando-se da ACPS, passando agora, ela mesma a apoiar e fomentar artistas e grupos locais, constituindo-se como um importante veículo de disseminação dos ideias culturais em meio a população.

CAPÍTULO III – “A TERRA DA CULTURA”

“O teu solo é fértil,
O teu Povo é lutador,
Teu folclore é vivo,
Pois o tempo conservou”.

(Uma das estrofes do oficial do município de Poço de José de Moura)

Como podemos observar na estrofe acima, até mesmo em outro dos principais símbolos identitários dos poçomourenses, o seu hino oficial¹⁸, é possível encontrar uma menção ao folclore local e sua resistência frente às intempéries da história. Uma marca deste povo, que aprendeu a valorizar as suas culturas expressando-se com orgulho e fazendo-se festejar a cada uma delas, encantando, através de uma pluralidade de eventos e manifestações, aqueles que vem de fora e tendem a enxergar a cultura local como uma complexa teia moldada ao longo do tempo, teia esta, alicerçada em práticas remotas e oriundas de um passado distante, quando na verdade, a maior parte dessas práticas nem ao menos alcançou a maior idade.

A criação desta nova identidade cultural no município de Poço de José de Moura, tendo como base o recorte temporal aqui apresentado, se justifica ao fazermos uma análise documental e atestarmos a ausência de uma bibliografia que comprove a existência de um grande número de manifestações artísticas no município, tal qual pode ser observado nos dias atuais. Como exemplo, podemos recorrer ao “ALTAS Escolar da Paraíba¹⁹”, em sua terceira edição, lançada no ano de 2002, onde podemos ter acesso a um apanhado feito com base nos dados do IBGE²⁰ (dados colhidos no ano de 2000), que nos mostram as cidades onde pode-se observar uma ativa produção na área cultural, com existência de grupos, folguedos, museus e diversas outras manifestações artísticas. Um grupo no qual não consta a presença de Poço de José de Moura.

Ao analisarmos o trecho do livro, onde são apresentados os municípios elencados como possuidores de manifestações culturais, tais como: Danças, Artesanatos, Festas e Vaquejadas, encontramos cidades pertencentes à região do Alto

¹⁸ O hino oficial do município de Poço de José de Moura foi lançado oficialmente no ano de 2007, tendo como compositor o poeta local, Antônio Monteiro Neto e a arranjos do maestro José Renato da Nobrega(Natinho);

¹⁹ Livro destinado a comunidade escolar, distribuído de forma gratuita na rede pública, contendo as principais características geográficas e históricas das regiões que compõem o estado. Entre elas, aspectos como: economia, cultura, turismo entre outros;

²⁰ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas;

Sertão paraibano²¹, como é o caso de Uiraúna²². No entanto, ao contrário da vizinha cidade, Poço de José de Moura ausenta-se desta descrição.

Imagem 13: Trecho retirado do “Atlas geográfico da Paraíba”

O Mapa 27 apresenta a variedade dos municípios, onde são encontrados estes folguedos e danças, que expressam estórias, tragédias e brincadeiras herdadas, transmitidas, oralmente, de geração a geração ou por via da informação oficializada.

Podemos encontrar as danças e folguedos paraibanos nos municípios de: João Pessoa, Cabedelo, Bayeux, Santa Rita, Sapé, Conde, Caaporã, Catolé do Rocha, Pombal, Pocinhos, Alagoinha, Areia, Boa Vista, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Belém do Brejo do Cruz, Belém, Zabelé, Uiraúna, Bom Jesus, Ibiara, Santana de Mangueira, Princesa Isabel, Sousa, Jericó, Brejo do Cruz, Patos, Santa Luzia, São José do Sabugi, Ouro Velho, Sumé, Barra de São Miguel, Nova Floresta, Campina Grande, Boqueirão, Queimadas, Cuité, Cacimba de Dentro, Campo de Santana, Guarabira, Pilões, Arara, Cuitegi, Alagoa Nova, Juarez Távora, Caldas Brandão, Mamanguape, Rio Tinto, Baía da Traição, Lucena, Alhandra, Juripiranga, Itabaiana, Salgado de São Felix, Mogeiro, Mari e Conceição.

Acreditamos que existam mais municípios paraibanos, onde podem ser observadas as danças e folguedos, mas, somente, através da escola com seus alunos fazendo pesquisa, é que surgirá um mapeamento que nos ajudará a contribuir para o fortalecimento de nossa identidade cultural.

Fonte: Atlas Geográfico da Paraíba

Assim como no recorte acima, encontramos ainda no livro, um mapa apontando as cidades citadas e, as manifestações típicas de cada localidade, tornando-se ainda mais evidente a lacuna de tais manifestações no município de Poço de José de Moura.

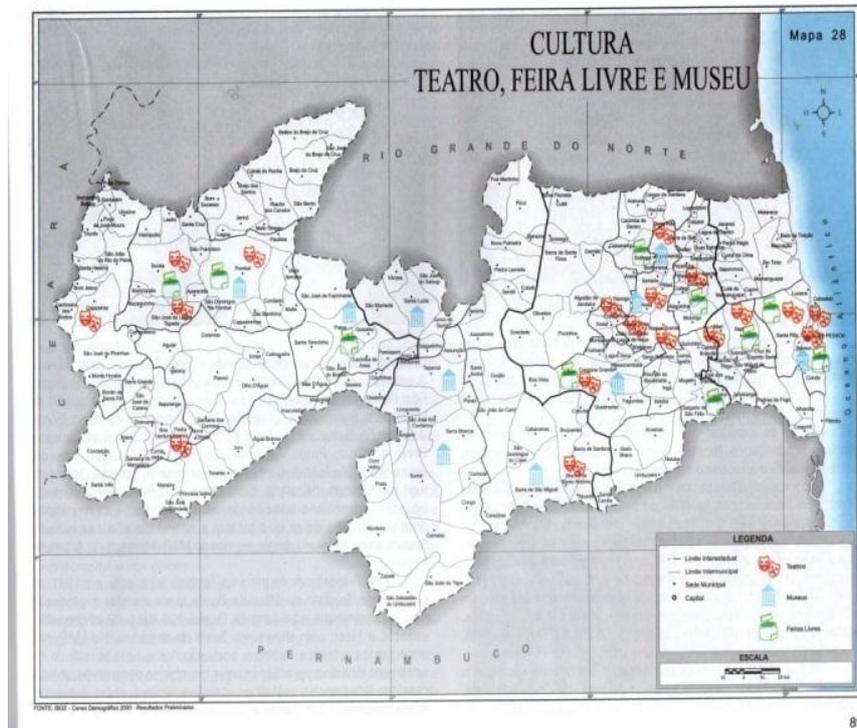
Nas imagens a seguir, encontramos a esquerda o mapa completo do estado da Paraíba, com gráficos que apontam as principais manifestações artísticas de cada município, sendo divididas em: Danças e Folguedos, Artesanato, Grandes festas Populares e Vaquejadas. Nas imagens XIV (mapa completo) e XV (um pouco mais ampliada), temos em destaque o município de Poço de José de Moura, onde percebemos a inexistência de qualquer indicativo aos signos citados.

²¹ Uma das seis regiões nas quais é dividido geograficamente o estado da Paraíba;

²² Cidade paraibana com um pouco mais quinze mil habitantes, localizada a 476 km da capital João Pessoa, fazendo fronteira com o município de Poço de José de Moura, na parte Oeste de seu território.

notamos que Poço de José de Moura aparece sem nenhuma indicação com relação a presença destes patrimônios

Imagem 16: Mapa completo do estado da Paraíba, com indicações dos municípios onde encontravam-se ativos patrimônios culturais como: Teatros, Museus e Feiras Livres.



Fonte: Atlas Geográfico da Paraíba

Além da quase inexistência de uma bibliografia onde se encontre alguma menção as manifestações culturais do município de Poço de José de Moura, fica evidente através das imagens acima que, nem mesmo por meio das pesquisas divulgadas por órgãos oficiais do governo, como no caso do “Atlas Escolar da Paraíba” produzido com base em dados do IBGE, é possível justificar este potencial cultural na pequena cidade sertaneja. Pelo menos, não até entrarem em cena os grupos culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura.

Além deste título imponente, atualmente Poço de José de Moura desfruta de uma rica produção na área cultural, tendo em seu calendário festivo uma grande quantidade de eventos dedicados, a chamada “Cultura Popular”, além de diversas associações culturais formalizadas²³, um grande número de grupos e artistas atuantes, apontados nos constantes mapeamentos realizados, uma secretaria de cultura desvinculada de outras pastas²⁴ e leis que reconhecem o importante papel desempenhado por determinadas manifestações no tocante ao “resgate” e “preservação” da “cultura popular” local.

Portanto, neste capítulo nossa proposta será apresentar o surgimento e consolidação de algumas dessas importantes práticas, que levaram a Poço a se tornar reconhecida como “A Terra da Cultura”, uma nova identidade criada em grande parte devido aos esforços dos grupos culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura.

“POCICULTURA (SALA DE REBOCO)”

É difícil medir ou tentar estabelecer uma ordem hierárquica, no que diz respeito à representatividade das manifestações culturais presentes em Poço de José de Moura, no entanto, tomando como base o cenário de construção desta nova identidade cultural, e os aspectos do que se tende a chamar de “Cultura Popular”, assim como as “autênticas” raízes do povo poçomourense, nenhuma outra festa simboliza tão bem este potencial cultural e esta nova identidade, quanto o “Pocicultura”.

Realizado sempre nas primeiras semanas do mês de Julho e contando com uma vasta programação durante suas 10 noites de duração, o Pocicultura acontece de forma paralela às festividades religiosas em alusão a Coração de Jesus, realizadas na igreja matriz de São Geraldo Marjella na sede do município. Além disso, a ideia original dos organizadores do evento, era que as festividades coincidissem com o aniversário de morte de José de Moura²⁵, que celebra-se ao dia 15 do referido mês, podendo assim consolidar-se como uma das importantes festas no calendário local, uma vez que, ao contrário de outras cidades, Poço não costumava realizar grandes eventos no período junino.

²³ No município podemos encontrar hoje 4 associações voltadas para o desenvolvimento de ações na área cultural, legalmente formalizadas, sendo elas: Associação Cultural Pisada do Sertão, Associação de Reisados de Poço de José de Moura, Associação Banda Filarmônica São Geraldo Marjella, Associação Cultural Educacional das Comunidades Integradas – ACECI.

²⁴ É comum na maior parte das pequenas cidades paraibanas (até mesmo em todo país) encontrarmos a cultura vinculada a uma outra secretaria como: Educação, Turismo e Esportes, ocupando na verdade uma posição secundária e contando na maioria das vezes com pouco prestígio e raros recursos.

²⁵ José de Moura faleceu no dia 15 de Julho de 1968, vítima de um câncer na laringe.

A ideia ambiciosa dos organizadores, não apenas viabilizou a realização do evento, como o levou a alcançar grandes dimensões, passando ao decorrer dos anos, de uma acanhada comemoração, para um dos grandes festivais de “cultura popular” da região, proporcionando a grupos e artistas locais e convidados, um espaço de interação e divulgação de seus trabalhos, frente a um público que vem mostrando-se cada vez mais interessado pelas artes e o folclore.

O evento, que recebe este nome em alusão ao antigo povoado (Poço), e a cultura fértil do município, acontece em um espaço ao ar livre, cercado de pequenas casas feitas de táipa²⁶, onde são vendidos diversos tipos de bebidas e comidas, típicas da culinária nordestina, e onde acontecem algumas das exposições durante as 10 noites do evento. O local de apresentação dos grupos é um salão de barro batido (dai o nome “Sala de Reboco”) rodeado por um pequeno cercado de madeira, ficando apenas, um pequeno espaço feito em alvenaria reservado aos trios de forró pé-de-serra²⁷ que fazem a animação do evento durante todas as noites.

Tendo sua primeira edição no ano de 2006, tem como objetivo, reunir o que há de “melhor” no que diz respeito às manifestações culturais locais, representando assim o discurso de resgate e preservação e o desejo manifestado pelos grupos Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura em consolidar a cultura local como símbolo maior da identidade de seu povo. Desejo este, que passou a ser expressado, não somente através do discurso de seus integrantes, como também, nos instrumentos por eles utilizados para alcançarem a população, como pode ser observado na imagem a seguir, de um convite em forma de panfleto distribuído em meio a comunidade, as vésperas da realização da terceira edição do evento (Pocicultura) no ano de 2008.

²⁶ Construções rústicas feitas em barro e madeira, que dispensam fundações mais elaboradas e por muito tempo fizeram parte do cenário das comunidades do interior, principalmente no Nordeste brasileiro, devido ao seu baixo custo e as condições financeiras dos sertanejos.

²⁷ Trio composto por sanfona, triângulo e zabumba, que acabou ganhando popularidade com as apresentações de Luís Gonzaga.

Imagem 18: Convite destinado a população poçomourense, em virtude da realização do

III Pocicultura

Convite

A Associação Cultural Pisada do Sertão mais uma vez realizará um grande evento cultural no município de Poço de José de Moura e convida toda sua família para participar desta grande festa de valorização cultural.

O **III Pocicultura** será realizado na **Sala de reboco, de 11 a 19 de julho**. É considerado o mais autêntico evento cultural da região e o orgulho para os cidadãos poçomourense.

Durante os nove dias de festa acontecerão muitas atividades além das apresentações dos grupos de tradições populares este ano estará recheado de apresentações de todo município, comidas típicas, festival de quadrilhas, Fórum Regional de Cultura e oficina de dança folclórica prometem agitar a cidade.

O potencial cultural de Poço de José de Moura é evidenciado, nossas raízes são fortalecidas e você não pode ficar de fora dessa festa.

Fonte: acervo da Associação Cultural Pisada do Sertão

Além do apelo a população, para que participem do festival, podemos evidenciar ainda, que o texto se inicia com a apresentação da Associação Cultural Pisada do Sertão, enquanto responsável pela promoção do evento, mostrando ainda a sua importância (importância do Pocicultura), apontando-o como o “mais autêntico evento cultural da região” sendo motivo de “orgulho” para os cidadãos poçomourenses.

O apoio constante do grupo e, posteriormente da Associação de Reisados de Poço de José de Moura, também foi outro forte trunfo para o sucesso do festival. Nas últimas edições (2017 e 2018), inclusive, com poucos recursos e o apoio limitado do poder público municipal, a associação de reisados assumiu inteiramente a responsabilidade pela realização do evento, angariando a maior parte dos recursos por iniciativa própria, através de patrocínios, projetos e colaborações dos próprios cidadãos. Fora do nosso recorte, no entanto, de extrema importância para compreensão das afirmações feitas acima, encontramos na imagem a seguir, de forma solitária, a representação da Associação de Reisados de Poço de José de Moura, enquanto organizadora da XIII edição do evento, realizado recentemente em Julho de 2018.

Imagem 19: Convite destinado a população poçomourense em virtude da XIII edição do Pocicultura (Sala de Reboco. Em destaque a representação da Associação de Reisados Zé de Moura, responsável pela promoção do evento.



Fonte: Acervo da Associação de Reisados de Poço de José de Moura

Nota-se, portanto, que desde suas primeiras edições, o evento foi organizado e divulgado através de diferentes meios, por agentes conscientes de suas ações, pessoas que elaboraram um forte discurso e o disseminaram em meio à população através de eventos como o Pocicultura, construindo assim, novas referências que não trazem de forma exclusiva à imagem de José de Moura, que nos apresentam a cultura em lugar de destaque e de forma bem mais abrangente, apontando assim, para novos horizontes, consolidando outras bases para construção de uma nova identidade.

De acordo Hall, [...] Há, juntamente com o impacto do 'global', um novo interesse pelo 'local' [...] (HALL, 2006, p. 77). Assim sendo, diante de um período de grandes mudanças, podemos enxergar no Pocicultura o maior exemplo da eficiente atuação dos grupos Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura, uma vez que, ao mesmo tempo em que se propõem a zelar pela imagem do místico e fundador do município, os grupos conseguem também mobilizar e colocar em destaque outros artistas, outras

figuras que passam a se notabilizar e serem colocadas ao lado do místico, como símbolos da identidade do povo poçomourense.

Seguindo a mesma linha, diversos outros eventos foram surgindo, consolidando-se como importantes tradições para o município, agregando a esta nova identidade, um valor ainda maior. A exemplo do Pocicultura, podemos citar outros festivais como: Encontro Sertanejo de Cultura Popular, Mostra de Reisados, Festival de Xaxado, Pisada do Forró, Encontro de Bandas Marciais, Encontro de Bandas Filarmônicas etc. Uma vasta gama de eventos que direta ou indiretamente contaram (ou ainda contam) com o apoio dos Grupos Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura.

A CULTURA ATRELADA AO DISCURSO POLÍTICO

Não temos a intenção de estender a nossa discussão neste trabalho por um viés político, portanto, precisamos deixar claro desde já que, a discussão apontada neste tópico não será aprofundada nesse sentido, pois, exigiria de nós novas leituras e novas referências que poderiam nos levar ao afastamento da nossa proposta inicial. Sendo assim, faremos apenas uma análise superficial das relações entre os grupos culturais e os representantes políticos locais, que ao enxergarem a importância e representatividade de tais grupos frente à população poçomourense, passaram a buscar uma certa aproximação, incorporando em suas falas, mensagens de apoio a causa da cultura, fortalecendo assim, esta nova identidade.

Nosso objetivo é esclarecer a forma como se deu tal aproximação e os motivos que levaram representantes de esferas tão distintas da sociedade a trabalharem em conjunto em determinados momentos, construindo através de leis, decretos e diversos outros mecanismos legais, o arcabouço jurídico que acabaria respaldando esta nova identidade cultural para o município de Poço de José de Moura.

Neste sentido, reforçamos mais uma vez a ideia de uma “cultura plural”, com a participação de diferentes esferas da sociedade, que nos levam de encontro ao conceito de “Circularidade Cultural”, tão bem apresentado através do famoso trabalho do historiador Carlo Ginzburg, em sua famosa obra “O queijo e os vermes”.

Ao analisar o caso emblemático do moleiro Menocchio, perseguido pela inquisição por sua postura divergente as ideias pregadas pela igreja católica e seus representantes, Ginzburg nos faz entender como se torna possível e compreensível relações recíprocas entre indivíduos de classes sociais distintas, mostrando, portanto, que não prevalece de forma hegemônica (assim como muitos pensavam e ainda pensam)

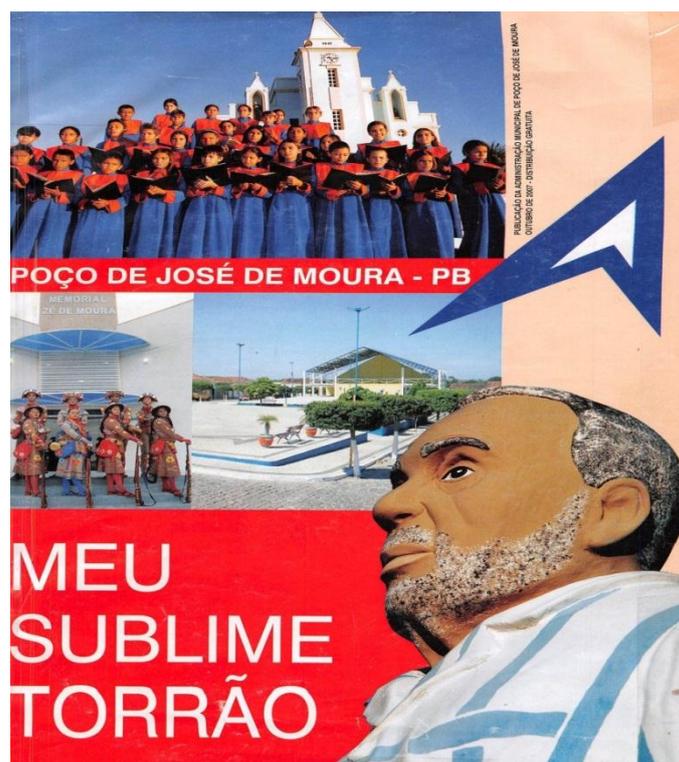
uma hierarquia das classes dominantes com relação às classes subalternas, no que diz respeito ao âmbito cultural. Ambas interagem entre si e acabam absorvendo uma das outras (mesmo que de forma latente), elementos que passam a ser somados as suas práticas, hábitos e costumes.

Ginzburg deixa claro o apoio a esta tese, levantada anteriormente por Mikhail Bakhtin, ao investigar o contexto histórico (século XVI) em que viveu e atuou Menocchio.

[...] Foi possível rastrear o complicado relacionamento de Menocchio com a cultura escrita, os livros (ou, mais precisamente, alguns dos livros) que leu e o modo como os leu. Emergiu assim um filtro, um crivo que Menocchio interpôs conscientemente entre ele e os textos, obscuros ou ilustres, que lhe caíram nas mãos. Esse crivo, por outro lado, pressupunha uma cultura oral que era patrimônio não apenas de Menocchio, mas também de um vasto segmento da sociedade do século XVI. Em consequência uma investigação que, no início girava em torno de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo aparentemente fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular – e, mais precisamente, sobre a cultura popular camponesa – da Europa pré-industrial, numa era marcada pela difusão da imprensa e a Reforma Protestante, bem como a repressão a esta última nos países católicos. Pode-se ligar a essa hipótese àquilo que já foi proposto, em termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo ‘circularidade’ entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo [...] (GINZBURG, 1987, p. 12-13).

Sendo assim, apoiados no conceito de “Circularidade cultural”, seguimos com a problematização do processo de construção de uma nova identidade cultural para a cidade de Poço de José de Moura, entendendo que, as relações entre os representantes dos grupos culturais locais e os agentes políticos, não se deram ao acaso, havendo, portanto, de ambos os lados, o reconhecimento de que, a soma dos ideais, poderia resultar em uma frutífera aliança. Se por um lado os grupos culturais passaram a ter suas imagens vinculadas ao discurso políticos, por outro, abriam-se a partir daí novos caminhos para o reconhecimento de suas atividades. Uma via de mão dupla.

Imagem 20: Capa da revista “Meu Sublime de Torrão”



Fonte: Revista “Meu Sublime Torrão”

Na imagem acima, capa da revista “Meu Sublime Torrão”²⁸, podemos observar uma primeira tentativa por parte dos gestores públicos de utilizarem alguns dos símbolos da cultura local, como forma de promoção de suas ações. Em destaque podemos observar a figura imponente do fundador do município, acompanhado por imagens, que aparecem em segundo plano, do coral infantil municipal em frente à igreja matriz, do Grupo de Xaxado Pisada do Sertão posando para foto a frente do Memorial Zé de Moura e da praça de eventos o Juarezão²⁹, sendo que, ao lado direito, logo acima da imagem de José de Moura, encontramos o logotipo da gestão. Uma forma não tão discreta de apropriação destes símbolos culturais em função de sua propaganda política.

Ao continuarmos com a análise da revista, notamos que, não só as imagens são utilizadas neste sentido, o próprio conteúdo escrito, encontra-se recheado de menções aos monumentos e manifestações culturais presentes no município, fazendo-se questão

²⁸ Periódico, lançado no ano de 2007, organizado e distribuído pela administração municipal, como forma de prestação de contas a comunidade ao fim do mandato da então gestora Aurileide Egídio de Moura;

²⁹ Uma homenagem ao primeiro prefeito eleito no município, Juarez Alves Taváres, que faleceu no ano de 2002 vítima de um acidente automobilístico;

de exaltar a todo momento, a preocupação e o zelo com o qual a gestora municipal sempre tratou estes patrimônios.

No trecho a seguir, observamos o cuidado que tiveram os autores, em destacar o comprometimento de Aurileide³⁰ na realização de importantes obras, destacando-se, a construção de monumentos como o Memorial Zé de Moura e o marco no local de origem do município.

“Focalizada no Progresso dessa cidade, Aurileide tem como marco de sua administração, algumas obras que merecem destaque dentre tantas realizadas [...] [...] Uma delas é a construção do bellissimo prédio do memorial Zé de Moura, onde se pode encontrar um pequeno museu com alguns objetos pessoais do místico, como forma de eternizar a história desse grande homem. Podemos também destacar a construção de um marco na “Cacimba do Gado”, local onde se acredita ser o ponto que deu origem a cidade de Poço de José de Moura” [...] (ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE POÇO DE JOSÉ DE MOURA - PB, 2007, p. 5)

No trecho seguinte, são citadas também, diversas manifestações culturais presentes no município, entre elas, os próprios grupos Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura, cometendo-se, inclusive, o equívoco de afirmar que, até mesmo o Xaxado foi uma manifestação “vívuda” por José de Moura.

“No âmbito cultural, o município se destaca com o Grupo de Reizado Zé de Moura e o Grupo de Xaxado Pisada do Sertão, ambas manifestações culturais vividas pelo fundador Zé de Moura e que tem obtido destaque na região. Também merecem destaque a Filarmônica São Geraldo, que ha 52 anos anima as festividades da cidade, e o Coral municipal, coordenado pelo maestro Renato da Nobrega, que também é autor do arranjo para o Hino do Município. A Banda de Flauta do PETI, também arranca aplausos sobe o comando do maestro Chico Zuza” (ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE POÇO DE JOSÉ DE MOURA - PB, 2007, p. 5)

Além das menções feitas nesta revista, outros projetos e leis, foram aprovados em âmbito municipal e estadual, reconhecendo os serviços prestados pelos Grupos Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura a comunidade poçomourense. Uma dessas leis, foi aprovada ainda no ano de 2007, quando a associação Cultural Pisado do Sertão recentemente havia sido formalizada. A lei municipal n° 180/2.007 apresentada pelo então vereador Francisco de Paulo Almeida da Silva (Paulinho), reconhece como de

³⁰ Atual gestora do município (gestão 2017/2020) Aurileide Egídio de Moura descende de uma família com tradição na política e possui um vasto currículo na área, tendo atuado no legislativo na condição de vereadora e no executivo durante outros dois mandatos, sendo que, no primeiro deles, quando elegeu-se Vice-prefeita ao lado de Juarez Alves Taváres, teve de assumir os destinos do município diante do fatídico acidente que tirou a vida do então prefeito. No mandato seguinte elegeu-se novamente, só que desta vez na condição de prefeita do município, governado por mais 4 anos até passar o mandato para seu tio Manoel Alves Neto (Peixe Moura) eleito no pleito de 2012.

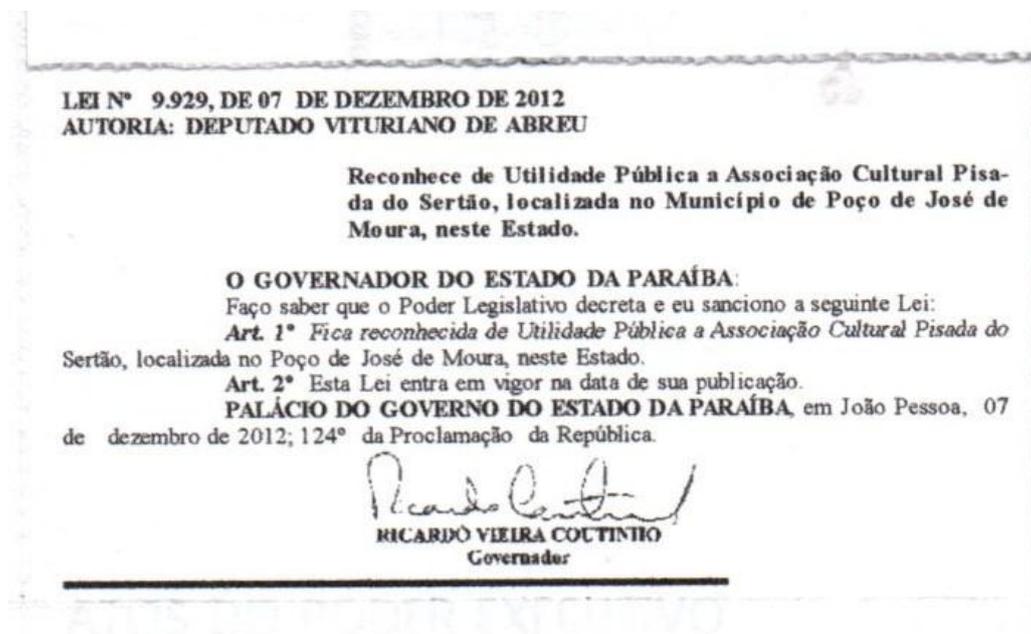
“utilidade pública” Associação Cultural Pisada do Sertão de Poço de José de Moura. Deixando explícito em seus dois primeiros artigos, a função social de tal entidade e o compromisso do município em realizar, diante de determinadas situações, o repasse de recursos que venha ajuda-la em suas ações frente à sociedade.

“Art. 1º - Fica reconhecido como de Utilidade Pública Municipal a **ASSOCIAÇÃO CULTURAL PISADA DO SERTÃO DE POÇO DE JOSÉ DE MOURA/PB**, que é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 12 de Abril de 2.007, com sede, foro e finalidade expressos no seu Estatuto Social”.

“Art. 2º - A critério do Poder Executivo Municipal, poderão ser repassados a referida Entidade, recursos financeiros provenientes de subvenções, convênios e outros, com o intuito de ajuda-la na execução de seus objetivos”.

No âmbito estadual, encontramos ainda a lei nº 9.929, de 07 de Dezembro de 2012, de autoria do então deputado Vituriano de Abreu, que também reconhece a Associação Cultural Pisada do Sertão como de utilidade pública, como podemos observar no recorte a baixo.

Imagem 21: Lei estadual n 9.929, de 07 de Dezembro de 2012.



Fonte: acervo da Associação Cultural Pisada do Sertão

Como podemos observar, até o ano de 2012, muitas foram às menções honrosas dedicadas aos grupos/associações Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura, atestando assim, o estreitamento das relações com os representantes políticos dentro e fora do município, demonstrando também, o interesse desses representantes em desfrutarem do

apoio dessas entidades, como forma de promoção de seus projetos políticos. Buscando aproximar-se através deste viés cultural, de outra parcela da população, garantindo-lhes popularidade e aceitação.

Fica evidente, a representatividade alcançada por tais agremiações, assim como, a consolidação do projeto de criação de uma nova identidade para o município de Poço de José de Moura. Identidade esta, pautada no potencial cultural desenvolvido recentemente na história do município, tendo como, baluartes os grupos/associações culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura.

Como alertamos no início deste tópico, esta é uma discussão que não se dar por encerrada aqui, sabemos que as relações entre os agentes culturais e os representantes políticos em poço de José de Moura, pode ser ainda mais aprofunda, levando inclusive, a outros temas de pesquisa. Nesse sentido, nos detemos a esta breve discussão, uma vez que, diante dos documentos apresentados e as análises propostas, acreditamos ter atingido o nosso objetivo, no que diz respeito ao reconhecimento por parte dos órgãos públicos e seus representantes políticos das contribuições prestadas pelos grupos/associações culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura para construção de uma nova identidade cultural para o município de Poço de José de Moura. Ficando assim, a deixa para que outros pesquisadores e estudiosos retomem a discussão em outro momento.

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS “SABERES DO POVO”

Assim como no tópico anterior, a discussão levantada aqui, também abre espaço para uma ampla análise e diversas possibilidades de abordagem, no entanto, não cabe a nós neste momento tentar aprofunda-la, em virtude da temática e o recorte escolhido para este trabalho. Toda vez, precisamos coloca-la em pauta, pois, trata-se de um marco histórico para cultura do município de Poço de José de Moura. Marco este, com o qual pretendemos encerrar nossas discussões, tomando-o como símbolo de consolidação da nova identidade poçomourense.

Assim como, expressou-se certa vez Nelson Mandela, acreditamos que, “A educação é a arma mais poderosa” que podemos utilizar “para mudar o mundo”, e essa máxima, também parece ter sido utilizada pela Associação Cultural Pisada do Sertão na maior parte de suas ações.

O Centro de Cultura Esporte e Cidadania – CEC, um projeto iniciado pela ACPS, no ano de 2012, que contou com o apoio do prêmio “Pontinho de Cultura”³¹ do governo federal, é o exemplo maior da preocupação destes agentes em disseminar os hábitos e costumes poçomourenses, através de um ensino pautado nos aspectos da “cultura popular”. Como podemos observar no panfleto abaixo.

Imagem 22: Fôlder de divulgação do “Projeto CEC”, Centro de Cultura esporte e Cidadania da Associação Cultural Pisada do Sertão.



Fonte: acervo da Associação Cultural Pisada do Sertão

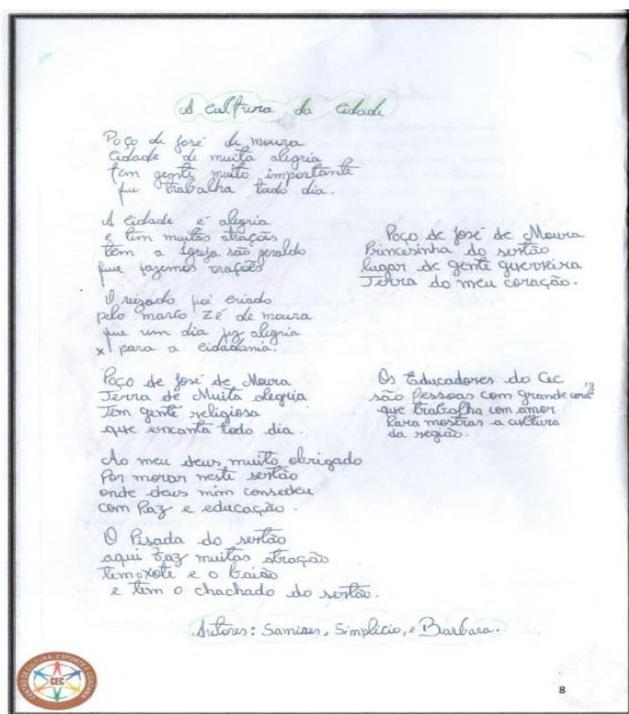
Como podemos observar, a associação consegue ampliar suas ações com o projeto CEC, atuando a partir de então, diretamente com um grande número de crianças e adolescentes, mantendo de forma paralela, o vínculo com suas famílias, que aproximam-se cada vez mais da instituição, envolvendo-se, através de ações direcionadas, com o discurso e as propostas da organização. Discurso este que, ao ser

³¹ Projeto apoiado pelo Ministério da Cultura, que reconhece e financia entidades espalhadas por todo o país, no que diz respeito à promoção de atividades culturais e socioeducativas.

disseminado de forma constante pelas oficinas ofertadas (música, dança, teatro e temas transversais etc.) e os eventos promovidos, passa a fazer parte do vocabulário das crianças e adolescentes, que o incorporam as suas próprias falas, passando a reproduzi-lo de forma natural no dia-a-dia.

Na imagem a seguir, temos acesso a um pequeno poema produzido pelos educandos da oficina de Temas Transversais em setembro de 2015, uma prova do avanço nos trabalhos realizados com ênfase na cultura local e nesta nova identidade construída para o município.

Imagem 23: Material produzido em forma de versos pelos educandos atendidos pelo Projeto CEC.



Fonte: acervo da Associação Cultural Pisada do Sertão

Neste sentido, acreditamos que, a instalação do projeto CEC representou a consolidação e uma identidade para o município de Poço de José de Moura, uma vez que, a partir desta formalização do ensino dos “Saberes do Povo” a Associação Cultural Pisada do Sertão, conseguiu garantir através de ações diárias, a disseminação de novos conceitos a cerca da cultura local, legitimando assim, esta nova identidade criada através do potencial cultural presente no município.

Compreendemos também a complexidade que tal processo nos apresenta, uma vez que, o próprio conceito de “Cultura Popular” vem sendo questionado em meio à comunidade historiográfica, e falar em uma institucionalização dos “Saberes do Povo”, por si só soa de maneira extremamente controversa, no entanto, o que buscamos demonstrar aqui, foi, como os Grupos/Associações Culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura, conseguiram efetivar em meio a sociedade poçomourense, um projeto cultural que acabou concedendo ao município uma nova identidade. Identidade esta que, não surge para negar ou apagar os referenciais lançados pelo místico Zé de Moura, mas que, consegue ampliar o conceito de cultura local, trazendo a tona novos personagens, novos grupos, enfim... Uma série de tradições inventadas, que passaram ser aceitas pela comunidade reforçando assim o sentimento de apreço dos cidadãos para com a cultura local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terra de José de Moura, agora também atende por outra denominação, a de “Terra da Cultura”, um título que envaidece aos seus líderes e a população, que concede a Poço um diferencial identitário com relação às demais cidades e, sob nossa lógica, representa a consolidação de um processo encabeçado pelos grupos culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura. Mostrando assim que, tal processo desenvolveu-se em um período recente da história desta cidade, moldando-se através das intencionalidades de alguns agentes que, organizados em grupos específicos, construíram uma nova identidade para o município, pautada na maior parte das vezes, em tradições inventadas, que embora se encontrem respaldadas em eventos passados, acabaram surgindo de forma intencional em um período bem mais recente.

Buscamos ao longo deste trabalho, apresentar ao leitor um novo viés que se abre para a historiografia no que diz respeito à criação de uma nova identidade cultural no município de Poço de José de Moura. Identidade esta que, não rompe diretamente com as versões oficiais anteriormente construídas, tendo como objeto central a figura de seu ilustre bem feitor José Alves de Moura, mas que, diante de um cenário de rápidas mudanças oriundas dos impactos causados pelo processo de globalização e da chegada cada vez mais acelerada dos símbolos da modernidade nesta outrora tão pacata cidade, acaba sendo moldada com base, também, em outros referenciais.

Contestar a importância de José de Moura e a hegemonia de sua família frente à população poçomourense, não foi o nosso objetivo aqui, pois, como nos mostra Clara Geysa:

Em toda a historiografia local fica evidente como Zé de Moura e a família Moura tem sua história registrada. A história do Poço de José de Moura é escrita a partir da perspectiva dessa família como detentora de terras, de empreendimentos, de iniciativas políticas importantes para a criação do município. Os Moura são apresentados como os salvadores, e de acordo com essa historiografia que não apresenta outras famílias, eles serão sempre os salvadores, primeiro do povoado, depois da cidade [...] (DUARTE, 2014).

Temos consciência do papel desempenhado por Zé de Moura frente à cultura local (assim como em outras áreas) e dos referenciais tomados com base em sua trajetória, pelos grupos culturais locais para construção desta nova identidade, uma vez que, muitos dos personagens de maior atuação durante este processo, pertencem a família Moura e identificam-se com a história de seu parente ilustre, tendo assim, claros

motivos para atuarem em prol da preservação de sua imagem, afastando-se, portanto, a hipótese de negação ou ruptura com relação ao seu legado.

Consideramos as contribuições do Místico Zé de Moura frente à sociedade poçomourense, tendo como foco principal, as suas contribuições na área cultural, onde, além de sua forte religiosidade, que trouxe fama não somente a sua pessoa como também a então vila de Poço em virtude das grandes romarias e do número de devotos que vinham de outras localidades, também contribuiu com a criação de importantes manifestações artísticas como: o Reisado, a Banda Filarmônica São Geraldo Majella, e a Banda Cabaçal. Algumas delas em atuação até os dias atuais, como é o caso do Grupo de Reisado Zé de Moura, que acabou recebendo esta nova denominação em sua homenagem, e a Banda Filarmônica São Geraldo Majella.

Compreendemos como esse período pujante da história de Poço, assim como as importantes contribuições de José de Moura, foram aos poucos sendo relegadas ao ostracismo, mesmo diante de uma vasta bibliografia que insistentemente buscava reforçar sua atuação frente a sociedade local, reforçada ainda pelo ensino de história nas escolas públicas do município. Tais desdobramentos nos levaram a analisar o surgimento de uma notável preocupação por parte de familiares do místico e de estudiosos locais, acompanhada de um sentimento saudosista que embasariam a partir de então o surgimento de um forte discurso de “resgate” e “preservação” da cultura local.

Dialogamos com outros autores, apresentando conceitos-chave por eles desenvolvidos tais como: Cultura(s), Identidade(s) e Tradições, conceitos que, sob a lógica desses autores se encaixam a problemática proposta neste trabalho e nos dão o embasamento necessário para justificarmos nossas escolhas. Discutimos ainda, o processo de construção desta nova identidade cultural para o município de Poço de José de Moura, buscando compreender como os impactos gerados pelos símbolos da modernidade, acarretaram uma grande mudança de paradigma em meio a sociedade local, impulsionando inclusive, a criação dos grupos culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura, que a partir de então tomaram a dianteira do processo, organizando-se enquanto associações e buscando junto as esferas políticas e outros setores, inclusive a própria população, os meios para consolidarem esta nova identidade.

Discutimos o processo de construção do título de “Terra da Cultura”, analisando umas das principais festas voltadas a “cultura popular”, criadas a partir da atuação direta dos grupos Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura, festa essa que, acabou se

consolidando como um dos principais símbolos da identidade poçomourense, encabeçando um grupo de novas tradições criadas recentemente na história do município, e que segundo a lógica de Hobsbawn pode ser considerada como uma “tradição inventada”. Analisamos ainda, como os agentes políticos, passaram a reconhecer e interagir com estes grupos culturais, enxergando ali uma oportunidade de promoção pessoal de seus projetos políticos. Os grupos, por sua vez, também buscaram nestes representantes os meios para justificarem suas atuações, através leis, decretos e outras formas legais que trouxessem respaldo a seus projetos, identificando-se assim, uma relação recíproca, onde ambas as partes buscam afirmação umas nas outras, um forma de “circularidade” onde, as demandas de um complementam-se na atuação do outro.

Neste sentido, enxergo nos grupos Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura o elo entre a população (e suas manifestações culturais) e a elite local (poder público, intelectuais etc.), uma posição parecida com a do moleiro Menocchio (guardadas as devidas proporções) apresentado na obra de Carlo Ginzburg, “O Queijo e os Vermes” que, embora parecesse um indivíduo totalmente alheio aos seus contemporâneos, acabou fornecendo ao autor as bases para construção de uma extensa narrativa que ao final nos mostra muito dos hábitos e da cultura de toda uma sociedade (no caso, de parte da sociedade europeia do século XVI), assim como podemos observar na atuação dos grupos culturais em Poço de José de Moura. Com isso, não pretendemos cair em um anacronismo comparando contextos tão distintos, o ponto de aproximação nestes dois casos, é a posição em que se encontram tanto os grupos quanto Menocchio, tornando-se referências, cada qual em suas condições, para que possamos compreender um pouco mais do contexto histórico e da cultura das sociedades em que se encontram inseridos.

Como em toda narrativa histórica, não damos por encerrado este trabalho, acreditamos que muitas outras questões ainda podem ser levantadas com base na problemática proposta aqui, no entanto, esperamos ter alcançado nosso objetivo em apresentar ao leitor o processo de construção de uma nova identidade cultural para a pequena cidade de sertaneja de Poço de José de Moura no interior da Paraíba. Cidade esta que, teve como referência principal durante muitos anos um de seus ilustres cidadãos, José Alves de Moura, famoso por sua religiosidade e pela representatividade alcançada dentro e fora dos limites geográficos de Poço. No entanto, anos após sua morte, e pouco tempo depois da emancipação política do município, consta-se que, nem mesmo a historiografia tradicional e o ensino de história nas escolas públicas, davam

conta de manter “vivo” o seu legado diante de um cenário de rápidas mudanças alavancadas pelo ritmo frenético em que chegavam os símbolos da modernidade. Foi preciso então, um novo direcionamento no que diz respeito à identidade local, a criação de novas bases, novas referências que fizessem a população superar esta “crise identitária”. O processo em questão foi, portanto, encabeçado pelos grupos culturais Pisada do Sertão e Reisado Zé de Moura, que trazendo a tona novos personagens e novas tradições, acabaram construindo uma nova identidade pautada na cultura local, uma identidade agora “descentrada”, onde os holofotes deixaram de se ser direcionados única e exclusivamente a figura do místico Zé de Moura, e passaram a exaltar a cultura local de forma mais ampla e abrangente.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE POÇO DE JOSÉ DE MOURA - PB. POÇO DE JOSÉ DE MORA Sua história e sua gente. **MEU SUBLIME TORRÃO Poço de José de Moura - PB**, POÇO DE JOSÉ DE MOR, p. 01-05, Outubro 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. D. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste - 1920 - 1950)** Apresentação de Regina Horta Duarte. São Paulo: Intermeios, 2013. 246 p.

ARAÚJO, L. D. S. J. **SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE JOSÉ DE MOURA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**. In: INGRID FECHINE; IONE SEVERO (ORGS.) **Cultura popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2007. p. 127-144.

CERTEAU, M. D. **A Cultura No Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Coleção travessia do século. ed. Campinas: Papirus, 1995. 253 p.

DUARTE, C. G. M. **"O POÇO MISTICO DE JOSÉ DE MOURA": VIVÊNCIAS RELIGIOSAS E IDENTIDADE DE UMA CIDADE PARAIBANA (POÇO DE JOSÉ DE MOURA, 1975 - 2014)**. Dissertação (Dissertação em História) Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. CAJAZEIRAS, p. 95. 2014.

GALVÃO, R. C. R. **São João do Rio do Peixe - Datas e Notas**. 1º. ed. São João do Rio do Peixe - PB: Grafica e Editora Halley S.A, v. I, 2011.

GINZBURG, C. **O QUEIJO E OS VERMES O cotidiano o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução de Amoroso Betania. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, v. 11, 2006. 104 p.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições (Coleção Pensamento Crítico; v. 55)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316 p.

INFORMATIVO TURÍSTICO REGIONAL. Associação Cultural Pisada do Sertão. **Caminhos do Sertão**, v. 01, n. 01, p. pg.9-10, Julho 2009.

JANETE LINS RODRIGUEZ. **Atlas Escolar da Paraíba**. 3º edição. ed. João Pessoa: GRAFSET, 2002.

LARAIA, R. D. B. Como opera a cultura. In: LARAIA, R. D. B. **CULTURA Um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 14, 2001. Cap. 2, p. 65 - 101.

MELO, F. O 'Antonio Conselheiro' paraibano. **Retrospectiva**, João Pessoa, II, n. 14, setembro 1988. 08.

OLIVEIRA, D. C. D. **CONTRIBUIÇÕES DA BANDA FILARMÔNICA SÃO GERALDO MAJELLA DE POÇO DE JOSÉ DE MOURA - PB PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL MUSICAL DE SEUS INTEGRANTES**. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN. Pau Dos Ferros, p. 50. 2016.

PREFEITURA Municipal de Poço de José de Moura. **Poço de José de Moura**, 2018. Disponível em: <<http://pocodejosedemoura.pb.gov.br/cidade/historia/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

SILVA SOBRINO, F. C. **Poço de José de Moura: vila e desenvolvimento das décadas de 50 à 60**. Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Centro de Formação de Professores - CFP, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS. Cajazeiras. 2005.